CMP 1.2.2.52-1

EX-LIBRIS
O ESTADO DE S. PAULO

Suplemento Literário

ANO DÉCIMA/NÚMERO 472

SÃO PAULO, 2 DE ABRIL DE 1966

NO CENTENARIO DE VICENTE DE CARVALHO

PÉRICLES EUGÊNIO DA SILVA RAMOS

Ao comemorar-se o centenário do nascimento de Vicente de Carvalho, mantém o mestre dos "Poemas e Canções" o "status" de uma das figuras mais controversas de sua geração. E não se trata apenas de seu tombamento nas correntes da época, mas da propria avaliação de sua obra, em confronto com a de outros poetas do fim do século passado e começos dêste.

Quanto ao primeiro aspecto, discute-se, em nome de várias razões, se o poeta é ou não parnasiano. Para responder afirmativamente, temos a propria palavra do autor de "Rosa, Rosa de Amor..." Na juventude, explicou-o Vicente no prefacio dos "Versos da Mocidade", pensava êle que o fundo tivesse absoluta supremacia, e a forma função acessória; por isso, depreciava "os pavões bizarros do parnasianismo". Mas, "reduzido pelo tempo a idéias menos radicais, ou menos confusas", asseveraria mais tarde, em prefácio do próprio ano dos "Poemas e Canções" (1908), que, "no verso, as idéias e o expressão fundem-se, e não há meio de as separar. Não creio que haja poetas da forma e poetas de outra espécie. Não sei de poeta digno dêsse titulo que valha por obra em estilo atamancado". Por isso mesmo retocara versos de seus livros juvenis — "Ardentias" (1885) e "Relicário" (1888) — expungindo-os de defeitos, para reestampá-los nos "Versos da Mocidade" (1912). Além dessa confissão e dessa pratica, as idéias formais do poeta — tais como expostas em nota á 1a. edição dos "Poemas e Canções" e na explicação dos "Versos da Mocidade", quando falava na precisão e na sobriedade das expressões, na variedade de sons, na propriedade da rima — harmonizam-se com as de Machado de Assis e as de Olavo Bilac. E mais não seria preciso para situá-lo entre os nossos parnasianos, cuja teoria estilistica ressumava um fundo classico e neoclássico evidente.

O fato, apontado por alguns, de ter êle sofrido influência de Guerra Junqueiro na adoção do endecassilabo trocaico — que é o metro do "Pequenino Morto" ou de "Olhos Verdes" — nada tem de decisivo para dá-lo como simbolista. Alberto de Oliveira também usou êsse hendecassilabo; e antes de Guerra Junqueiro já um romantico brasileiro, Franklin Dória, havia empregado o mesmo andamento no verso de 11 silabas; a proceder o argumento, Guerra Junqueiro seria romantico...

Mais cogente poderia ser a invocação da influencia de Maeterlinck que Vicente revela em "Ultima Confidência", como já se apontou, se não se tratasse de caso isolado, em que a expressão do poeta santista nem por causa disso se modifica e descompassa. Em materia de influencia decadista, alguns parnasianos a ostentam, como Raimundo Correia ("Na Penumbra") e o proprio Olavo Bilac, por certos angulos mais escandalizadores de seu sensualismo; não deixaram, todavia, de ser parnasianos. Como esses ilustres formistas, Vicente não se podia mostrar imune ao influxo de imagens do mesmo tipo, notadamente as que se originaram de Théophile Gautier (em "Carmen", uso profanatório e sensual do vacábulo "missa") e Baudelaire ("la morsure et le baiser"). Assim, em "A Invenção do Diabo" toma os lábios de Eva como "o calix consagrado ás missas do Pecado" e em "Sugestões do Crepusculo", II, faz o mar "tanto beijar como morder". Segue ainda, no mesmo poema, a linha de animalização dos desejos, iniciada com Carvalho Junior e Teofilo Dias (1), escrevendo:

No encalço dessa esquiva [amante
Que se lhe furta, segue o [mar;
Segue, e as maretas solta [adiante
Como matilha, a farejar.

Essas escassas andorinhas não bastam, contudo, para fazer verão. O estilo de Vicente de Carvalho, na maturidade, é o estilo parnasiano, muito distante da imprecisão romantica e da vagueza simbolista para com elas se confundir. É o próprio estilo de seus livros iniciais, "Ardentias" (1885) e "Relicário" (1888), não se confunde com o simbolismo: é o indeciso estilo dos primeiros parnasianos, que, ainda com ressaibos romanticos, já não queriam participar dessa página na virada de nossa história literária. A mesma imaturidade e indecisão transparecia no Alberto de Oliveira das "Canções Romanticas", em Afonso Celso ("Devaneios"), em Teófilo Dias ("Lira dos Verdes Anos"), no próprio Raimundo Correia ("Primeiros Sonhos"), para nos limitarmos a êsses primeiros expoentes de uma nova geração que desejava afirmar-se, e não tinha ainda asas para isso. Balbuciava então, da mesma forma que o Vicente de Carvalho de "Ardentias" e "Relicário": nem poderia ser de outra forma, quando o poeta não havia sequer completado dezenove anos ao editar seu primeiro livro, em parte refeito no segundo. A história da evolução da poesia de Vicente de Carvalho é assim a história do desenvolvimento da poesia de seus companheiros de geração, que também reformaram os livros iniciais, no todo ou em parte, quando viveram o bastante para isso: foi o que se passou com Alberto de Oliveira ou Raimundo Correia. No caso de Vicente de Carvalho, houve igual parnasianização, demonstrada com o fato de ter êle corrigido a língua e o metro dos livros iniciais, nos "Versos da Mocidade". Um simples exemplo nos bastará para isso, sob os angulos de estilo e forma. Em "Ardentias" havia o poeta escrito um sonêto sob o título "Na Idade Média":

É noite... Branca e pensa-[tiva, a lua
erra do céu na abóbada [estrelada,
e pelos ares tépidos flutua
o murmurio da noite sos-[segada.

Dorme o castelo antigo, [sonolenta
ruína coberta de festões e [de hera,
onde a flor entre musgos [arrebenta
como um riso jovial da [primavera.

Sôbre a varanda, a castelã [medita;
a asa ligeira a fantasia [agita,
sonha a moça; e em su'al-[ma a idolatrada

sombra do amante pálida [flutua...
É noite... E branca e [pensativa, a lua
erra do céu na abóbada [estrelada...

Em "Relicário" Vicente aproveita o sonêto, dando-lhe nôvo título ("Medieval") e redação diferente, exceto na segunda quadra, onde as mudanças se apresentam menores:

Noite, alta noite. Solitária, [a lua
vai pelo céu longinquo er-[rando à toa,
como Ofélia boiando, lou-[ra e nua,
na água plácida e azul de [uma lagoa.

Dorme o castelo antigo, [sonolenta
ruína de muros recobertos [de hera
e onde a flor entre muros [arrebenta
como um riso jovial da [primavera.

Fora, embaixo, na sombra, [um pajem louro
canta. Canta de amor numa [voz de ouro
Alguém o ouviu. Abriu-se [uma janela,
pendem do muro os fios de [uma escada
... e a derradeira nota da [balada
morre num beijo sôbre os [lábios dela.

Pois bem, nos "Versos da Mocidade" surge uma terceira versão, quase igual á de "Relicário", exceto na 2.a quadra:

Noite, alta noite. Solitária, [a lua
vai pelo céu longinquo er-[rando à toa
como Ofélia boiando, lou-[ra e nua,
na água plácida e azul de [uma lagoa.

Rude, fero gigante afeito à [crua
guerra, o castelo, no alto [que coroa,
dorme o sono da paz den-[tro da sua
armadura de pedra, forte [e boa.

Fora, embaixo, na sombra, [um pajem louro
canta. Canta de amor, nu-[ma voz de ouro:
alguém o ouviu. Abriu-se [uma janela.

Pendem do muro os fios [de uma escada...
... E a derradeira nota da [balada
morre, num beijo, sôbre os [lábios d'Ela.

Entre a versão original e a de "Relicário", percebe-se, a par de outras alterações, que a segunda é menos vaga, narra uma historieta com precisão maior e perde os lugares-comuns que a empanavam, como aquela "abóbada estrelada". Na segunda quadra, extirparam-se os "festões", isto é, grinaldas ou ramalhetes que não tinham muito cabimento no exterior de um castelo, e nos tercetos a mudança foi total, por mudar a concepção do poeta, que introduziu um pajem e um namôro antes inexistentes. Observa-se que nas versões de "Ardentias" e de "Relicário" uma só estrofe se manteve, a segunda, e que foi justamente essa a substituída na redação final, de "Versos da Mocidade". Perdeu-se, nesse roldão, a imagem da flor como um riso da primavera, mas a perda foi só aparente. Reconhece-se um avatar dessa imagem naquela outra que Euclides da Cunha veria como "encantadora na sua belíssima simplicidade", a emparelhar "com as mais radiosas engenhadas por tôda a poesia humana":

Os velhos troncos, plácidos [ermitas,
os próprios troncos velhos, [remoçados,
riem no riso em flor das [parasitas.

A despeito disso, não se entende á primeira vista a substituição da quadra, uma vez que a versão final não excede a anterior. Mas a um exame atento dar-se-á com a causa: e esta foi a parnasianização do poeta. Nas primitivas versões a segunda quadra tinha rimas independentes da primeira; a de "Versos da Mocidade" foi refeita justamente para manter a mesma ordem de rimas da primeira quadra, segundo o modêlo petrarquiano adotado a rigor, nas quadras, pelo nosso Parnaso.

A par dessa conformidade com os padrões da escola, é de notar que outros fatores contribuiram para adequação de Vicente de Carvalho a uma poesia clara, precisa e simples. Assinalava o Barão de Brasilio Machado, socorrendo-se de uma frase de Paul Bourget, que Vicente de Carvalho se transcrevia a si proprio em sua obra, e que suas produções tinham o cunho de uma data, a imagem reproduzida da época em que vivera. Pois bem, a adoção do positivismo pelo poeta, com o seu lema "viver ás claras", por força o levaria a querer nos seus versos a mesma clareza que desejara em sua carreira politica e nos seus atos administrativos. Quanto a êsse aspecto, a poesia de Vicente de Carvalho é espelho fiel de sua vida.

Mas também quanto a outros aspectos. Sabe-se que Vicente de Carvalho, quando estudante de Direito, era abolicionista e republicano; os versos que escreveu de início cuidavam mesmo de problemas sociais e politicos (2). Dessa fase lhe sobrariam reflexos na poesia ulterior. Assim é que êle "fêz parte daquela Boêmia Abolicionista" cujas reuniões se efetuavam muitas vezes nos bancos das praças publicas, pois as autoridades policiais impediam o acesso á sua sede. Com Guilherme e Pedro de Melo, Arthur Andrade, Rubim Cesar, Alberto de Sousa e tantos outros, ajudava o encaminhamento de negros fugidos das fazendas de café para o Jabaquara, o Quilombo situado nas imediações da cidade que mais tarde cantou no "Fugindo ao Cativeiro" (3). Em "Pequenino Morto" está a lembrança da filha perdida (4); suas convicções reais, materialistas embora, acham-se expressas em seus versos, os versos de um poeta que se prezava de dizer-se descendente dos gualanás e em cujos versos, ao contrario de seus colegas do Parnaso, não vagavam deuses gregos, nem cresciam faias e betulas, mas os simples caraguatás da serra e as palmeiras de beira-mar... Isso mesmo assinala Agripino Grieco, ao acentuar que Vicente "desdenhava os atributos mitologicos" e que "em seus versos não se amontoam o plectro de Apolo, a tesoura da Parca, o tridente de Netuno e os raios de Jupiter. Fugia a tornar o fato moderno irreconhecivel, mascarando-o em denominações arcaicas". Diria Vicente de Carvalho que prezava transmitir "impressões recebidas": daí a presença da praia e do mar que há em seus versos, a qual de-de "Relicario" apontara com "Marinha". O proprio Vicente assinalou, anos mais tarde, "que com essa poesia êle principiara a libertar-se das impressões das leituras, e começava a interessar na sua arte mais o que via do que o que lera" (5).

INFLUÊNCIAS SÔBRE O POETA

Apesar dessa expressa elucidação de Vicente de Carvalho quanto a seus versos da fase anterior ao retiro positivista em que se colocou, ou melhor, levando exageradamente a serio essa referencia, certa critica de nossos dias tem procurado praticamente exautorar os versos do poeta, para reduzi-lo a um mosaicista de fragmentarias reminiscencias; e isso a pretexto de salientar que, tendo êle sofrido profundas influencias nos livros da mocidade, não poderia deixar de externá-las também em sua obra madura. A questão é simples: afirma-se, por exemplo, que o soneto "Idade Media", de "Ardentias", o qual já transcrevemos, deriva de "A Cavalgada" de Raimundo Correia, ou que alguns versos de "Madrugada Pagã" (das mesmas "Ardentias"), como "Venus empalidece, empalidece", procedem do mesmo Raimundo. E, com êsse forjado sucedâneo, chega-se a desmantelar composições de irredutível lirismo como "Olhos Verdes" e sobretudo essa poesia-tôpo que são as "Palavras ao Mar" (6).

Dando de barato que, somente em "Idade Média", possa ter havido influência da carpintaria de "Na Cavalgada", a que monta isso? A forma fixa usada por Machado de Assis nas quintilhas da parte V de "Versos a Corina" (o 5.o verso repete o 1.o de cada estancia) reproduz a usada por Baudelaire, em "Le Balcon", "Reversibilité", "Moesta e Errabunda", "Lesbos"; nem por isso alguém se lembrou de dizer que Machado de Assis "transpôs" Baudelaire. De mais a mais, se há no clima de "Idade Média" semelhança com o clima de "Na Cavalgada", menos fácil não será descortinar o clima de ambas as composições em poeta que precedeu e influenciou Raimundo Correia, a saber, em Luís Guimarães Junior, com a agravante de que, se Raimundo falava em cavalgada, de cavalgada falara o autor do "Sonêto Romantico". Mesmo na carpintaria, o sonêto de Raimundo não é tão original como parece: basta ver que, várias vêzes, Luís Guimarães encerra sonêtos com as palavras com que os abre ou com variações da primeira linha; em "Ernesto", por exemplo, "Fôste feliz, Ernesto! Deus piedoso" e "Descansa em paz; — fôste feliz, Ernesto.", ou em "A Capela": "Está postada á beira-mar; — Um dia," e "Da pobre igreja á beira-mar postada", para não citarmos outros exemplos, como o de "Boa Viagem".

Na versão de "Relicário", em que a primeira estrofe foi substituída, persiste-se em asseverar que a frase "solitária, a Lua" e a "Ofélia boiando" vêm diretamente das "Sinfonias". É difícil conceder a alguém a patente de Ofélia, a não ser a Shakespeare, e, quanto á "lua solitária", também esta não é de Raimundo: é do domínio publico, ou, se se quiser, poderá ser de alguém que influenciou o autor da "Cavalgada", a saber, o mesmo Luís Guimarães Junior: lá se lê realmente, no fim de "A Lua no Mar", "Rompe de todo a eterna maravilha: A grande, a calma, a solitária Lua!". A César o que é de César.

De outro sonêto de Vicente, "Madrugada Pagã", que também figura em "Ardentias", em "Relicário" e em "Versos da Mocidade", assevera-se que o verso "Vênus empalidece, empalidece" é de Raimundo. Por que? Por causa da repetição de "empalidece", quando Raimundo repetira "trêmula"? Não é possível, aqui também, conceder a patente da epizeuxe (ou repetição de palavras, sem intersticio) ao autor do "Mal Secreto": é fácil achar exemplos nos gramáticos latinos ou nos manuais de Retórica, como, para citar um em nosso idioma, o de Antônio Ferreira na "Castro", "Ah coitada de ti! ah triste, triste!". "Madrugada Pagã" transpira de fato um ar raimundiano, presente, digamos, em "Anima Chloridis": a dificuldade, porém, é que "Anima Chloridis" é de "Aleluias" (1891), ao passo que "Madrugada Pagã" é de "Ardentias" (1885) e "Relicário" (1888). Tratar-se-á, pois, de um caso de influência por antecipação mediunica, mais ou menos o mesmo em que José Veríssimo levitou, ao dar Castro Alves por influenciador de Fagundes Varela...

Não quero dizer, com tudo isso, que não se achem vestigios da leitura de Raimundo Correia e de outros poetas nos livros juvenis de Vicente de Carvalho. Pois se este mesmo alertou quanto á presença de tais vestigios nos seus versos imaturos! A coisa muda, porém, quando se pretende ver a persistencia desses rastros em "Rosa, Rosa de Amor" (1902) e "Poemas e Canções" (1908), obras já de poeta senhor de seu oficio. Em "Olhos Verdes" quer-se descortinar influencias inexistentes: Alvaro Teixeira asseverava que essa poesia tinha "os mais belos versos inspirados no cantor das Flores do Mal", sem indicar que versos: Jamil Almansur Haddad arrisca "La Chevelure" e Fausto Cunha prefere "Les Yeux de Berthe", mas em vão: os paralelos são inserviveis. Os dois poemas de Baudelaire visam a situações de treva, quando o de Vicente jorra luz. O ponto de contacto seriam, talvez, as ilhas verdejantes, a paisagem tropical com que Baudelaire por vezes sonhava: mas é sumo exagero decretar que Vicente de Carvalho haja conhecido através de Baudelaire o que estava cansado de ver com seus proprios olhos em suas andanças e pescarias pelo litoral.

Quanto a "Palavras ao Mar", aponta-se uma cadeia de reminiscencias, mas essa aproximação é muitas vezes destituida de sentido. Sem negar que o "tigre" vicentino possa ser o "leão" de Gonçalves Dias, uma coisa é certa: o hino de Gonçalves Dias ao Mar acompanha Byron, quando este faz Deus refletir-se nas tempestades sobre o mar; o mar de Vicente não evoca nenhuma religiosidade, pelo contrário, é um blasfemador, e noutro poema um "pagão criado ás soltas". As concepções são inteiramente diferentes, como diferentes são "L'Homme et la Mer", de Baudelaire, e "Palavras ao Mar". Aqui, o aparente paralelo é ilusorio: o mar, em Baudelaire, esconde suas riquezas materiais; em Vicente, encobre um coração... O poema de Baudelaire, aliás, parece replicar a Byron: este fazia o mar tempestuoso um espelho de Deus. Baudelaire fez o oceano espelho do homem, mas do homem livre. Para Vicente, o mar é um prisioneiro e o homem não é livre.

Além do mais, "Palavras ao Mar" são um poema de irredutivel lirismo, impetuoso e sustentado; sua expressão, encantatoria e calorosa, erige-o num dos ápices de nosso lirismo, a deixar muito longe, quanto á sua veemencia e originalidade, o poema de Gonçalves Dias e mesmo as parafrases (não traduções) que Fagundes Varela fez do trecho de Byron. Da mesma forma, "A Flor e a Fonte" relega a plano discreto o "Não me deixes" gonçalvino, que com ela apresenta certa similitude de situação; e é inutil recordar que enraiza num velho topos, a "altercação entre a agua do regato e a videira plantada á margem": curiosa altercação em que só a flor fala, não gaba suas qualidades nem deprecia as da fonte... A fazer aproximações desse tipo, melhor é não fazê-las.

EXPRESSÃO

Enquanto uns, assim, apegando-se a miudezas que nada significam no grosso da obra vicentina, querem acentuar o epigonismo de Vicente de Carvalho, outros, com maior acerto, atendo-se á sua expressão, acentuam-lhe a originalidade. E' o que faz Agripino Grieco, ao assinalar que "aos escritos não lhe faltam ousadia, invenção pessoal, surpresas, imprevistos por vezes resultantes de um calculo muito seguro". Dessa diversidade de concepção deriva o proprio problema do ajuizamento do valor de Vicente de Carvalho, ponto em que as apreciações se dividem nitidamente: por um lado, os criticos que dele não conhecem (como José Verissimo) ou que o omitem, como Ronald de Carvalho, que não o incluiu em sua "Historia da Literatura", embora houvesse escrito sobre os "Poemas e Canções", como se vê nos excertos apensos a "Vicente de Carvalho", de Maria da Conceição Vicente de Carvalho e Arnaldo Vicente de Carvalho (pag. 135), assinalando que a poesia vicentina "mostrava a graça interior de um verdadeiro poeta"; por outro lado os criticos mais enfronhados em tecnica literaria, que chegam a considerá-lo superior a Olavo Bilac e Alberto de Oliveira. Assim fez Mario de Andrade, em "Os Mestres do Passado", e assim Manuel Bandeira o sobrepõe por certos aspectos á "trindade parnasiana", julgando-o "mais vario, mais completo, mais natural, mais comovido".

De qualquer modo, Vicente de Carvalho é um dos quatro mestres da geração parnasiana e o mais lirico entre eles. Sua versificação não é tão rigida como a de Alberto de Oliveira ou Bilac, ficando mais proxima a sua musica da de Luís Guimarães, com a rejeição das sinereses sistematicas e a aceitação de alguns hiatos. Divide, com Bilac, o uso intensivo das figuras de palavras: seria fastidioso comprová-lo. Veja-se apenas como diacope e anadiplose se combinam logo no inicio do "Pequenino Morto": "**Tange** o sino, **tange**, **numa voz de choro**, / **Numa voz de choro**..." Frequentemente, paraleliza: "astros de ouro no céu, messes de ouro no pó"; "E tudo vê com o coração aflito, / E tudo vê com a alma alucinada". Alitera e colitera copiosamente e até de modo expressivo; dão a idéia de frutos suspensos pelos cabos os **dd** no verso 11 do "Velho Tema, I": "Arvore milagrosa que sonhamos, / Toda arreada de dourados pomos". A mesma idéia de coisas esguias e aladas nos **ll** e **vv** desta quadra de "A Ternura do Mar": "Ao longe, de repente assomando e fugindo, / Alguma vela, ao sol, verás alva de neve: / Teus olhos sonharão enlevados, seguindo / Seu vôo claro e leve". Tem a ciencia dos "enjambements": "Aumenta, alastra e desce pelas / Rampas dos morros, pouco a pouco", bem como dos "rejets": Da singular melancolia / De em torno". Tem igualmente a ciencia dos ritmos expressivos: em "A Invenção do Diabo" imita no andamento do alexandrino e na ênfase velar o quebrado de um corisco: "Mas de repente, como o corisco clareia", e em "De Manhã, III" finge o embalo de um ramo, em clara demonstração de harmonia imitativa: "Ao leve sopro de uma aragem preguiçosa, / O balanço de um galho imitando uma rosa..." A mesma ciencia ritmica, no movimento dos "cola" e na insistencia do acento na 9.a silaba, é utilizada para reforçar as idéias de cansaço, atropelo, confusão, medo: "São cativos fugindo ao cativeiro. O bando/ E' numeroso. Vêm de longe, no atropelo / Da fuga perseguida e cansada. Hesitando, / Em recuos de susto e avançadas afoutas, / Rompendo o mato e a noute, investindo as ladeiras, / Improvisam o rumo ao acaso das moutas."

Vicente de Carvalho tem a ciencia das sonoridades: note-se como combina assonancias (assusta-busca, entezinho-asilo-sozinho, debil-leve), aliterações de que citaremos apenas as em **v** (voz do vento, cavernoso), **l** e **t** (vento ululante) e a sábia distribuição de vogais tonicas diferentes, aberta uma, nasais duas, fechada a ultima, para criar uma estrofe em cujo ultimo verso se escuta francamente o rouco e tenebroso perpassar da ventania: "Esse entezinho debil e medroso, / Que ao mais leve rumor se assusta e busca / O asilo do seu seio carinhoso, / Há de ficar sozinho; e, em tôrno, a brusca / Voz do vento ululante e cavernoso."

Idêntica ciência na estrofe seguinte, onde, depois da morosidade do 4.o verso, decassilabo de apenas três palavras, a ultima das quais com arrastada pronuncia (a-m-e-a-ça-do-res") os licantropos precipitam-se: "E, em tôrno, a vasta noute solitária / Cheia de sombras, cheia de pavores, / Onde passa a visão errante e vária / Dos lobisomens ameaçadores / Em desfilada sôlta e tumultuária..."

Seria inutil continuar na exemplificação. Nos seus livros finais Vicente de Carvalho era um "doctus poeta", de nível que não faria presumir os hesitantes versos do inicio. E, apesar de douto, não aferrado a pequeninas regras, mas capaz de acentuar a 7.a silaba de um alexandrino depois de uma 6.a fraca, ou simplesmente de ignorar o mandamento gaulês da cesura. E' suficiente arrolar alguns exemplos, para demonstrar que não foram apenas os simbolistas que desarticularam por vêzes o ritmo ou inovaram no metro importado de França: "Um alarido de vozes estranhas passa", "Pelos espinhos e pelas raizes", "Névoa confusa de um sonho material", "Que humilde sonho de molusco sonharia", "A luz, que espiritualiza a Natureza" são alexandrinos de Vicente de Carvalho. Tão inconformados, em nosso parnasianismo, só os de Alberto Ramos.

Cumpriria acentuar, ainda, o aspecto bem-humorado da poesia de Vicente de Carvalho, certa cambiante zombeteira e irônica que nos dá a impressão, já o dissemos alhures, de que êle passou pela vida com um sorriso nos lábios, apesar de quantas agruras o possam ter afligido.

Com sua expressão, a sua tecnica, o seu estilo nitido, o seu lirismo, Vicente de Carvalho é poeta que não tende a desaparecer nem criticamente nem no apreço do publico, como a grande maioria dos parnasianos. Ignoraram-no, no primeiro quartel do seculo, as Historias da Literatura, apesar de Euclides da Cunha o haver considerado um grande poeta naturalista; mas depois Mario de Andrade situou "Rosa, Rosa de Amor..." como legitima obra-prima, Manuel Bandeira alargou a trindade parnasiana para incluí-lo, o mesmo foi feito no volume II de "A Literatura no Brasil", e as edições dos "Poemas e Canções" prosseguem no firme ritmo que vem tendo há anos. "Palavras ao Mar", "Olhos Verdes", varios sonetos, algumas canções, são poesias que se incorporaram á nossa lirica, bem como "A Flôr e a Fonte". Esta conjuga simplicidade, lirismo, arte de usar os epitetos, com ciencia tal, que equivale, em nosso parnasianismo, ao que a "Canção do Exilio", de Gonçalves Dias, foi em pleno romantismo. Não é á toa que essas duas pequenas obras-primas fulgem em primeiros livros de leitura, com toda a sua simplicidade e ausencia de jaça. Em "A Flôr e a Fonte" há apenas, talvez, aquela mancha européia do "rouxinol", para quebrar um pouco a excelencia da realização de um poeta que não queria impressões de leitura, mas as da vida vivida de olhos abertos. Assim, somos tentados a achar que esse rouxinol não é o dos contos advindos do Velho Mundo, e sim a nossa humilde e festiva corruira: os dicionarios, ao menos, garantem-nos que em terras de Vera-Cruz os nomes se correspondem.... Salve, pois, em fato ou ilusoriamente, o rouxinol-corruira de Vicente de Carvalho, para maior gloria de "Rosa, Rosa de Amor..." e da nossa propria lirica.

---

(1) Vide o nosso volume "Poesia Simbolista". São Paulo, Melhoramentos, 1965, págs. 13, 19, 25.

(2) Arnaldo Vicente de Carvalho, "Dados Biograficos", em "Vicente de Carvalho", Rio, Academia Brasileira, 1943, pág. 12.

(3) Idem, ibidem, págs. 13-14.
(4) Idem, ibidem, pág. 68.
(5) Hermes Vieira, "Vicente de Carvalho", 2.a ed., São Paulo, 1943, pág. 91.

(6) Fausto Cunha, "Vicente de Carvalho", Rio, Agir, 1965.

SUMARIO

Pericles Eugenio da Silva Ramos:
NO CENTENARIO DE VICENTE DE CARVALHO — Pág. 1

M. Conceição Vicente de Carvalho:
VICENTE DE CARVALHO: ESBOÇO BIOGRAFICO

Guilherme de Almeida:
OS CONDENADOS — E PORQUE — Pág. 2

Cassiano Nunes:
ROSA, ROSA DE AMOR... — Pág. 3

Pericles da Silva Pinheiro:
VICENTE DE CARVALHO: O PROSADOR

Domingos Carvalho da Silva:
ARVORE MILAGROSA

José Frederico Marques:
VICENTE DE CARVALHO: O MAGISTRADO — Pág. 4

Cassiano Ricardo:
"POEMAS E CANÇÕES" E SUA PROBLEMATICA

Menotti Del Picchia:
VICENTE DE CARVALHO E 22 — Pág. 5

ENTREVISTA COM MANUEL CARLOS

CARTAS DE VICENTE DE CARVALHO A MANUEL CARLOS — Pág. 6

Dedicamos êste Suplemento a Vicente de Carvalho, uma das mais puras vozes do lirismo brasileiro, por ocasião do seu centenario de nascimento, a celebrar-se no próximo dia 5

Vicente de Carvalho: esboço biográfico

M. Conceição Vicente de Carvalho

Abril foi o mês decisivo na vida de Vicente de Carvalho. Aos 5 do mês, em 1866, nascia ele em Santos, modesto pôrto do litoral paulista, ás vesperas de iniciar a grande marcha para o progresso; a 22 do mesmo mês, cinquenta e oito anos depois, em 1924, ali vinha morrer, ao fim de uma vida cheia de lutas, mas rica de realizações.

Vicente Augusto de Carvalho era filho do Major Higino José Botelho de Carvalho e de D. Augusta Carolina Bueno de Carvalho, ambos naturais de Santos. Ele, filho do Capitão Antonio Botelho de Carvalho. Ela, filha de Luis Batista da Silva Bueno, descendente direta de Amador Bueno, ligada, portantò, aos grandes troncos paulistas.

Do pai herdou Vicente a veia poetica e o espirito ironico, que pontilha, aqui e ali, a sua obra literaria. O "Major", como era conhecido, constituia o centro de um grupo que se deliciava com as tiradas de excelente "causeur" do poeta repentista. Tanto tinha de bom conversador, quanto de mau comerciante. Se avultava o numero de seus amigos, minguavam os negocios e assim o filho, oriundo de familia abastada, nasceu pobre, como pobre viveria. A mãe transmitiu-lhe o gosto pela leitura. De razoavel cultura para a época, facilitada pelos contactos com forasteiros no porto de mar, conhecia a língua francesa, ao tempo em que muita sinhazinha mal soletrava. Ler romances ou narrá-los aos netos era uma de suas ocupações prediletas. Daí a estreiteza de laços entre mãe e filho, a intimidade revelada em longa correspondencia, sempre que a vida agitada de Vicente o afastava dela.

Teve apenas dois irmãos: José, falecido antes do seu nascimento, e Izabel, nove anos mais velha, casada com Pedro de Souza Aranha, comissario de café em Santos.

Foi um menino travesso, cheio de vida, mimado. Frequentou as aulas de um mestre-escola local. Os pais decidiram que se iniciasse no comercio e, aos onze anos, empregaram-no. Logo depois, o pendor para o estudo, a vivacidade do seu espirito precoce, fizeram que abandonasse o emprego e se dirigisse a São Paulo, como aluno interno do Seminario Episcopal. Não terminaria ali, porém, os estudos secundarios, em consequencia de marcante episodio, que influiu em suã formação politica e religiosa. Um negro escravo dos padres fugira e se refugiara em terreno pertencente ao colegio, onde os alunos, ás escondidas, iam levar-lhe alimento. Descoberto, o negro foi duramente castigado, como era de hábito. Obrigado, como os demais alunos, a assistir ao castigo corporal, o menino horrorizou-se com ato tão pouco condizente com os principios cristãos e, revoltado, escreveu ao pai, exigindo que o retirasse do colégio. Talvez por isso, sendo de familia catolica e conservadora, afastou-se da igreja e aderiu ao abolicionismo e á republica.

Completou os preparatorios nos colegios Mamede e Norton. Aos dezesseis anos incompletos, mediante lei especial, ingressou no Curso Juridico. Residia em casa de parentes desde que deixara o Seminário. Quando cursava o terceiro ano, as dificuldades financeiras da familia forçaram-no a voltar para Santos, vindo á Capital da provincia somente para prestar exames. Associou-se a um amigo de infancia num negocio de sacaria de café; os conhecimentos de contabilidade, adquiridos então, de muito lhe valeram no decorrer da vida.

Mas Vicente era sobretudo poeta. Aos oito anos fazia os primeiros versos, impressionado com a incoerencia entre a pregação dos politicos e os seus atos — republicanos, mas senhores de escravos:

"Os nossos republicanos
São os piores tiranos".

Ainda estudante, publicava versos nos jornais academicos e remetia-os, junto com artigos, para a imprensa de sua terra. Fervia a campanha abolicionista e republicana. Integrado em ambas, colaborou em todas as folhas, com o entusiasmo de moço cheio de ideais humanitarios. Participou da campanha antiescravagista de Antônio Bento, que lhe inspiraria o "Fugindo ao Cativeiro"; e, ainda cursando o 4.o ano, já pertencia ao Diretorio Republicano de Santos.

Em 1886, aos vinte anos de idade, com o diploma de bacharel e o primeiro livro de versos — "Ardentias" — publicado no ano anterior, iniciou a carreira de advogado no escritorio de Martim Francisco e Silva Jardim, foco da propaganda republicana na cidade litoranea. No ano seguinte representava Santos no Congresso Republicano da Provincia.

Proclamada a Republica, foi deputado á Constituinte Estadual, fazendo parte da Comissão de Redação. No Congresso, destacou-se na apresentação de projetos visando sempre o bem publico, tais como os referentes a estradas de ferro ou á emigração. Sobrevindo o golpe de estado de Deodoro, ficou com o grupo dissidente, do qual faziam parte Julio Mesquita, Cincinato Braga, Bueno de Andrade e outros.

Terminou aí sua carreira legislativa, mas não seu empenho em bem servir á terra. Continuou a atacar o governo pela imprensa, ainda mesmo quando já se haviam calado quase todas as vozes da oposição. Em 1892, serenada a crise politica, Cerqueira Cesar, vice-presidente do Estado, assumiu o governo. Conhecedor da atuação de Vicente, confiante em sua capacidade e operosidade, convidou-o para dirigir a Secretaria do Interior, recém-criada. Depois de alguma relutancia, aceitou o cargo, no qual iria revelar-se homem de visão ampla, rara em tão pouca idade, tanto mais extraordinaria porquanto nunca saira do ambito estreito da província.

Vicente multiplicou-se em iniciativas, muitas delas de grande alcance. Destaquemos algumas: Santos, como outros portos brasileiros, era assolado periodicamente por epidemias de febre amarela e varíola, que os imigrantes difundiam no interior. Para diminuir-lhes os efeitos, contavam os habitantes apenas com a iniciativa particular, como se verificou em 1889. Nesse ano, a febre amarela grassava com virulência e os recursos solicitados ao govêrno imperial chegaram alguns meses depois, quando a epidemia já declinara. Como redator do "Diário de Santos", o poeta acompanhou de perto a situação. No govêrno, uma de suas primeiras medidas foi dirigir-se ao ilustre engenheiro Dr. Fuertes, saneador da cidade de Nova Orleans, para resolver, em carater definitivo, o problema do saneamento. A partir de Santos, por ser o foco das epidemias, o trabalho deveria atingir outras áreas, para não dizer o Estado todo, pois as más condições de higiene bem as conhecia, como Secretário, por ter percorrido as zonas infestadas do interior.

Apelou para Pasteur, em carta do próprio punho, para vir ao Brasil criar o Serviço Sanitário e estudar a febre amarela. Muito idoso para viajar, Pasteur indicou Le Dantec, seu discípulo, como substituto. Foi êste o fundador do Instituto de Análises e Bromatologia do Estado.

No terreno da educação não se revelou menos profícuo, ao reformar a instrução primária e profissional. Considerava duas condições essenciais ao ensino: instalações adequadas e corpo docente de qualidade. Para atingi-las, promoveu a criação de escolas primárias, preocupando-se em localizá-las onde melhor servissem á população escolar, de escolas complementares e normais, além de três ginásios, um dêles na Capital. Com o fim de modernizar os métodos antiquados, trouxe a professora americana Miss Brown, a criadora do primeiro jardim de infancia oficial. Propôs a divisão do curso secundário em dois ciclos: uma base comum de quatro anos e uma bifurcação, em curso científico e literário, de dois anos. Com algumas modificações, a idéia foi adotada pelas autoridades de ensino do País... em 1942! Também o ensino profissional recebeu a sua atenção, como demonstra a lei referente á criação de uma escola superior de Agricultura e outra de Engenharia, ambas de carater prático e providas de campos experimentais. Na primeira, exigida pelo desenvolvimento da lavoura cafeeira no planalto paulista, previa-se que, anualmente, vinte alunos pobres, que se revelassem aptos, mediante concurso, recebessem ensino gratuito. As estradas de ferro, as cidades que surgiam em tôda a parte, justificavam a segunda, que deveria fornecer os técnicos para as estradas, para as construções civis e para as industrias.

Fêz mais. Artista, não esqueceu os artistas. Propôs a instituição de prêmios de viagem de estudos ao estrangeiro áqueles que mais se distinguissem na musica ou na pintura.

Finalmente, reconhecendo que uma boa administração não se faz sem conhecimento da realidade numérica, criou a Repartição de Estatística e Arquivo do Estado.

Contudo, não seria duradoura a sua permanência á frente da Secretaria, pois lá ficou apenas sete meses. Diante de interferência indevida, em seu campo, por parte de um de seus colegas de govêrno, Vicente apresentou a sua demissão a Cerqueira Cesar, a fim de que se apurassem as acusações feitas ao seu nome. Foi-lhe negada, por estar no fim o govêrno. Renovou-a a Bernardino de Campos, que o conservara no cargo. Voltam á carga os detratores. O acusado sente-se forçado a um revide publico, como publica fôra a injuria. Depois do incidente, já fora do govêrno, um tribunal de honra, por êle mesmo solicitado, exime-o de suspeita. Desgostoso, abandonou a política para sempre. Tinha vinte e seis anos de idade.

Volta para Santos, para o jornal e para a banca de advogado. Retoma as andanças pelas praias. Para ampliar os ganhos, muda-se para um sítio de sua propriedade, no Guarujá. Instala ali uma pequena agricultura e vende leite e ovos para o mercado local. Ao mesmo tempo, aprofunda-se nas leituras filosóficas, sobretudo no positivismo. Em 1895, em "Carta aberta ao Estado de São Paulo", declara abandonar o jornalismo para dedicar-se melhor á doutrina.

Entretanto, paulista e de iniciativa, deixou-se atrair pela onda verde desbravadora do solo paulista e, no ano seguinte, adquiriu uma fazenda de café em Franca, em plena zona pioneira. Desde logo compenetrou-se do seu papel de fazendeiro. A sua lavoura, dentro em pouco, era um primor de trato. Embora pessoas entendidas, como o sogro, considerassem ótimo o negócio, quase uma herança, logo a seguir a superprodução de café, acompanhada da queda de preços, transformou-o em ônus para Vicente. Nem a boa qualidade do produto compensou o seu esfôrço. Mudou-se para a fazenda, a fim de dirigi-la de perto. Tudo em vão. Aprofundou-se no estudo do problema cafeeiro, de que resultaria a "Solução para a crise do café". As suas idéias, contrastando com tudo o que se fizera até então, foram aceitas com entusiasmo pela maioria dos fazendeiros e comissários de café em Santos. Pregava, como medida capaz de reduzir o excedente de exportação, a queima dos cafés de má qualidade. Executada nas fazendas, além de evitar o custo do transporte até Santos, fornecia ao fazendeiro a cinza, isto é, o adubo para a lavoura. A solução proposta foi refutada e depois aceita fora das fronteiras paulistas. Por fim, quando já se discutia o projeto, eis que um fato imprevisível fê-lo perder a razão de ser: uma forte geada, destruindo grande parte da produção, elevou automaticamente o preço do café.

Vicente, cujas dívidas haviam crescido nesse interim, não foi salvo por essa circunstancia. Teve de voltar para a advocacia, sem, todavia, abandonar a fazenda. Desta enviara alguns contos para Santos, publicados n"A Tribuna de Santos". Também compôs ali a "Rosa, rosa de amor...", poema que hesitara em publicar. Chegou até a pensar em destruí-lo, não fôra a intervenção de sua espôsa, a quem lia, tão logo a compunha, tôda a sua obra literária. Voltou amadurecido, lêra muito, meditara, apurara a sua forma. Abandonou nessa época o positivismo, convencido de não poder seguí-lo como julgava necessário fazer.

Em Santos retomou suas atividades. O poema "Rosa, rosa de amor..." recebe elogios da crítica e, o que era melhor na ocasião, ajuda-o no sustento da família, enquanto os clientes não chegam. Apresenta-se-lhe, então, uma nova forma de atividade.

Vicente de Carvalho

Por ser elemento capaz, conhecedor de leis e relacionado nos meios oficiais, lhe é oferecida sociedade numa emprêsa em formação, a qual iria explorar a navegação no Ribeira de Iguape. Funda-se assim a Silva Martins & Cia.

Vicente passou a interessar-se pela navegação fluvial, em todos os seus aspectos, acabando por organizar até mesmo os horarios dos vapores. A baixada do Ribeira vegetava, isolada, dispondo de uma unica ligação com o mundo: o rio. Vicente procurou tirá-la do marasmo, levando para lá presidentes de estado, homens de empresa, para que, conhecendo os problemas da região, pudessem solucioná-los. Infelizmente não lhe foi dado assistir ao desenvolvimento da região, hoje integrada na rede rodoviaria nacional.

Diante do sucesso obtido com o "Rosa, rosa de amor...", pensou em candidatar-se á Academia Brasileira de Letras, o que fez em 1904. Não foi eleito, porém. Continua na imprensa; funda em Santos "O Jornal", orgão de oposição ao governo, que precederia de pouco a formação do Partido Republicano de Santos. Participa da vida da cidade, em todas as suas formas. De há muito a cidade pleiteava a criação de uma escola normal para formar professoras primarias para as escolas municipais. Por motivos politicos, o governo não era favoravel á ideia. Numeroso grupo de senhoras, apoiadas pelos melhores elementos locais, decide fundá-la, surgindo então o Liceu Feminino Santista. Vicente redige os estatutos e, como tantos de seus amigos, advogados, medicos, engenheiros, auxilia a sociedade em seus primeiros passos, fazendo parte de seu corpo docente.

Nem por ter tantas ocupações abandona as pescarias, as incursões aos recantos do litoral. Depois de uma delas, ao furar uma bolha na mão, torna-se vitima de uma infecção sendo obrigado a amputar o dedo e, após prolongados sofrimentos, o braço. Enfraquecido, temeroso de não poder mais continuar a exercer as atividades de advogado, candidata-se a um cargo, recém-criado, na magistratura. Nomeado juiz criminal, transferiu-se para São Paulo, onde residiria até a morte. Enganou-se, porém, quanto á maior tranquilidade que pretendia. Avolumaram-se em breve os trabalhos, pois, movido por seu espirito humanitario, não se contentava em despachar no gabinete, mas, se preciso, percorria as cadeias, para verificar por si a situação dos presos. Transferido para o Civel, chegou a acumular três varas.

Não demorou como juiz. Em 1914 atingiu o ápice da carreira de magistrado, ao ser nomeado ministro do Tribunal de Justiça do Estado, presidido por Xavier de Toledo, ao lado de Firmino Whitaker, seu colega dos bancos academicos, Morais Melo, Soriano, Moretzsohn de Castro.

Nos "Poemas e Canções" enfeixou o melhor de sua obra, o que julgava mais representativo nela. Com o livro bateu outra vez á porta da Academia Brasileira de Letras, mas retirou-se, ao saber que seu concorrente á vaga de Machado de Assis seria a veneranda figura do Conselheiro Lafaiete Rodrigues Pereira. Não esperou muito, pois a morte de Artur Azevedo, logo a seguir, abriu outra vaga. Desta vez, Vicente venceu facilmente a eleição, em 11 de maio de 1909. Euclides da Cunha foi o seu paladino, desde a primeira tentativa. Diriamente prestava contas da batalha, travada em solo carioca, pela imortalidade academica do amigo. Mas Vicente não chegaria a tomar posse e, somente em duas ocasiões, visitaria os seus colegas imortais. Deveria ser saudado por Araripe Junior, também seu amigo; tendo êste falecido antes da recepção, não quis substituto.

Bem diversa foi sua entrada na Academia Paulista de Letras. Vicente manifestara-se contra ela; julgou-a excessiva, por existir a nacional. Não o perdoaram os seus organizadores. Excluiram-no sob o pretexto de já ser êle academico e apenas poeta. Vicente saiu a campo para defender-se. Em poucos dias reuniu, em "Paginas Soltas", cronicas, contos, o estudo sôbre o café, como testemunhos de que também podia escrever em prosa. Concorreu com êle um poeta moço, Aristeu Seixas, que se tornou objeto das suas ironias. Anos após a eleição, Aristeu aproximou-se do antigo adversario e, a partir daí, a grande amizade que os uniu só terminou com a morte do poeta mais velho.

Vicente nunca teve boa saude. Tendo necessidade de uma estação de aguas, escolheu Plombières, na França, aproveitando para conhecer o Velho Mundo. Três vezes atravessou o oceano. Nas duas primeiras com a mulher e uma das filhas. Na terceira, tendo-lhe sido aconselhadas duas curas consecutivas, decidiu levar toda a familia e permanecer lá durante um ano, ou talvez mais. Licenciou-se na magistratura e partiu, em 1912, com a mulher e os treze filhos. Escolheu Bruxelas para residir, pela vizinhança dos Vosges, onde se situava Plombières, e, mais ainda, pela presença de Oliveira Lima, ministro do Brasil. O umido outono belga e, por outro lado, o numeroso grupo de brasileiros, parentes e amigos em Genebra, levaram-no a preferir esta cidade, para sua permanencia na Europa.

Retornando á Patria, a sua vida dividiu-se entre o Tribunal, que lhe enchia a casa de autos, e o Indaiá, sonho antigo, tornado realidade.

Essa, em resumo, a vida intensa de Vicente de Carvalho. São bastante contraditorias as facetas de seu carater, porém apoiadas em solidas qualidades permanentes. Destas, releva notar a honestidade, o sentido de justiça, o altruismo, o desprendimento. Foi poeta, idealista, sem perder o contacto com a realidade. Dirigia-se com sobranceria a um chefe de estado, como sabia pôr á vontade um colono de sua fazenda, ou um simples caiçara. Boêmio por temperamento, tanto passava uma noite a conversar com amigos, como debruçado sôbre autos. Acusado frequentemente de orgulhoso, inflado pela sua gloria, acolhia, em casa, quem o procurasse. Não cortejava a popularidade. Não poucas vezes, por ser muito exigente, preferia desanimar um principiante, para que não se arrependesse, mais tarde, de sua obra imatura, tal como acontecera com êle. Foi por excelencia um homem construtivo.

E' de justiça fazer lugar aqui á sua companheira de todas as horas, D. Ermelinda Mesquita de Carvalho, não só a dona dos olhos verdes, mas aquela de quem êle disse: "Pois sou quem sou por serdes vós quem sois"!

Os condenados — e porque

Guilherme de Almeida

Ter vinte e cinco anos num São Paulo de quinhentos mil habitantes. E fazer versos. Era fácil. Natural mesmo. Assim, por exemplo:

São Paulo, feliz cidade,
rima com felicidade.

Rima riquíssima: multimilionária. Com consoante de apoio: "d", e mais vogal de apoio: "i", e até radical de apoio: "feliz", tudo apoiando / Apoiado! Muito bem! / a Forma.

Isso ia eu humoristico-parnasianamente recitando / ritmo pulmonar / de fora para dentro e vice-versa, a metrificar meus passos que na noitinha outonal / maio de 1916 / desciam da minha rua Victorino Carmillo / assim mesmo: "c" antes do "t" e "l" dobrado / a caminho da casa de um poeta de verdade. Vou indo. Quebro a primeira esquina á direita com a alameda Ribeiro da Silva, ando um quarteirão, atravesso em diagonal o largo dos Pirineus/ hoje, praça Olavo Bilac: ah! os poetas! / vou pela rua do mesmo nome até a das Palmeiras, que cruzo para tomar a Barão de Tatuhy / "sic" / e, deixando atrás de mim um verdolengo, luminoso rastro / lampiões de gás, bico Auer, que o lanceiro, ao meu encalço, ia acendendo / paro ante o portão de ferro da casa número 10.

— Dr. Vicente de Carvalho?

— Entre, rapaz. O Estevam já me telefonou.

Êle me estende a mão única: a que eu toco, mordendo com fôrça os beiços, e com uma coisa na garganta.

— Sente-se aí! Gosta de cerveja?

Mal me lembro. A tal sala-de-visitas brasileira. A mesinha-de-centro entre nós. Toalhas de crochê. Retratos. O piano. Não sei. Sei que eu tinha aquêle homem repercutindo dentro de mim:

/ "Só conheci do amor que imaginei tão lindo
O mal que êle me fêz"...
.....
"Quando nasci raiava
O claro mês das garças forasteiras"...
.....
"Só a leve esperança em tôda a vida
Disfarça a pena de viver: mais nada" ...
.....
"Serei a sombra que te siga
Sem indagar onde me leva o amor"... /

Aquêle homem que eu sabia de cor.

Cerveja. Cigarros. Bem-estar.

— Versos, não é?

— São uns sonetos, dr. Vicente. Os amigos querem que eu publique. Mas eu não seria capaz disso, sem ouvir primeiro a sua opinião. Então pedi ao meu pai que pedisse ao senhor... O senhor é o poeta nosso que eu mais admiro, que eu sempre...

— Não tenha acanhamento comigo. A sua consulta é uma prova de confiança à qual eu só saberia corresponder com uma prova de lealdade. Se eu achar que você pode e deve publicar... Vamos vêr! Prefere que eu leia?

Eram uns quarenta sonetos decassilábicos formando uma historiazinha de amor. Seu titulo: "Nós".

E o meu poeta começa a minha leitura. Como quem sabe lêr. Interrompendo-se de vez em quando para me olhar, com gôsto às vêzes, às vêzes com estranheza, outras com seriedade, sorridente aqui, pensativo ali...

Pronto.

— Então, dr. Vicente?

Essa minha secura paulista! É ingênita. É sem querer. É caipirismo, eu sei. Mas é legitimidade. Outro, que não eu, e não daqui, diria, talvez: — "Que tal, querido mestre? Anseio pela sentença que decidirá do meu destino e á qual..." etc. Não quero, nem posso ser assim.

. . Vicente paga-me com a mesma moeda. Fala sem curvas. É reto. Diz-me que eu começo pelo fim: o soneto, que é a prova-de-fogo de todo candidato a poeta... /penso no verso de Boileau: "Un sonnet sans défaut vaut seul un long poème"/; que logo no primeiro eu consigo ferir as cinco vogais... /digo que não sei o que é isso/; explica-me que se trata da tônica da rima... /fico na mesma e pergunto: "Como assim?"/; aponta-me, então, no original dactilografado, a última sílaba de cada verso, dizendo: e, i, o, u, a... /leio as palavras rimadas: "atrevo", "cantiga", "amiga", "enlevo", "devo", "diga", "antiga", "escrevo", "memória", "história", "defuntos", "saudade", "eternidade", "juntos"; digo que não foi de propósito, que eu nem havia notado, que eu não sabia que isso era importante/; ensina-me êle, então, que isso é uma riqueza, porque a homofonia... /faço cara de burro, e êle esclarece/; cita o grave defeito de um dos mais populares sonetos de Bilac, o "ouvir estrêlas", no qual as rimas em "i" do primeiro terceto, fazendo "ido" e "igo"... / recito: "que conversas com ela, que sentido — têm o que dizem quando estão contigo?"/; formam, contínua êle, uma insuportavel confusão auditiva... / concordo, com um "É mesmo!" de bôbo; e êle prossegue ensinando: /Outra deploravel pobreza, que é preciso evitar, é a de rimar palavras da mesma categoria: verbo com verbo, substantivo com substantivo, adjetivo com adjetivo etc., como, por exemplo, nos quartetos/ deste seu soneto... /e Vicente lê:

"O coração que em mim palpita e vive
num outro peito já morou. Não sei
onde, quando, nem como. Êle revive
um passado que eu nunca atravessei.

Recorda terras onde nunca estive,
repete frases que não escutei,
chora saudades que jamais eu tive,
canta esperanças que jamais sonhei.

E assim eu levo pelo mundo a fora,
num peito moço um coração de outrora,
um coração envelhecido e triste.

Perdidamente apaixonado êle ama
não sei quem, que nem sei como se chama,
que nunca mesmo saberei se existe!"/

Diz-me Vicente:

— É um soneto bonito. Mas êsses oito verbos, e todos no mesmo tempo...

E, franzindo um sorriso, que o seu cavanhaque torna um tanto mefistofélico, e acenando-me, mão espalmada, com aquêle clássico gesto familiar do papai ou da mamãe quando prometem palmadas:

— Não faça mais isso!

Foi êsse o nosso primeiro condenado. Trazia, na minha velha coletânea, o número II.

Cerveja, cigarros. Já passa de meia-noite. O bairro de Santa Cecilia é todo um atento, percutivo silêncio. O pensamento e a palavra tombam juntos, como a bolinha de chumbo e a penugem de ave no tubo experimental da máquina pneumática: meus colegiais, antigos laboratórios de Física e Química. E tornam-se unidade entre nós dois, poetas, mais do que face a face: alma ante alma. A dêle para a minha:

— Você é artista. Tem que ter a coragem de ser um infanticida: a de sacrificar o filho imperfeito. Mantenha em seu livro a linha alta, nivelada numa horizontal tanto quanto absoluta. Essa é a linha que eterniza os Partenons.

Tive essa coragem. E, juntos, Vicente e eu, precipitamos por uma Rocha Tarpéia os deformados. Alguns, mais tarde, no raspão da queda, vieram a ajeitar-se, polidos, como os seixos rolados. Exemplo: um que pecava pela insuportavel homofonia das rimas nos quartetos (e logo ferindo o citado "i" do soneto bilaqueano), graças á lição vicentina, ressurgiu na edição definitiva do "Nós", assim transfigurado (cito apenas o primeiro quarteto):

antes da palmatória: — "Estas coisas outrora eu me dizia,
quando, insensato, trêmulo, indeciso,
eu tinha a sensação de quem vivia
num inferno sonhando um paraíso";

e depois: — "Estas e muitas outras coisas, certo,
eu julgava sentir quando sentia
que, descuidado e plácido, dormia
num inferno, sonhando um céu aberto"...

Uma rara exceção, essa. O fato é que dos quarenta e tantos sonetos do meu primitivo "Nós", restaram os insistentes trinta e três das doze edições que teve o livreco polido pelo ensinamento de Vicente de Carvalho (de 1917 a 1964). Dos demais condenados, que eu destruira, ou julgava haver destruido, eis que, casualmente por um misterioso, extraviado manuscrito de então, que um gesto anônimo viera restituir-me, só por êle, tive, faz pouco tempo, um assustado e timido autoreconhecimento. E, nesta vigilia do centenário de nascimento de Vicente de Carvalho, e do coincidente cinquentenário do aparecimento daquêle meu primeiro livro — um século e um meio-século que se encontram — estou relendo os "nossos" esquecidos condenados. E a essa leitura, como se fossem êsses versos obra de outrem, vai aos poucos abotoando comovida e vaga relembrança. Vejo-os desfilar, outonalmente, "comme dans un préau d'hospice ou de prison" ("n'est-ce pas", meu tão languido Samain?), esses conformados defeituosos. Não é uma exumação, porque êles não morreram, mas uma como revisão de processo que deixe claro a quem possa interessar o "porque" das suas condenações.

Um dêles (traz o número VIII no manuscrito), esse, irremediavel, coitadinho! diz no seu segundo quarteto:

"...Mas partiram. E se hoje inda consinto
em relembrá-las, pálidas, singelas,
meu peito morto agita-se em procelas,
como a cratera de um vulcão extinto"...

Sôava bem. Mas Vicente — o pescador — me observa: — "Procela é do mar, meu rapaz! Como poderia acontecer na cratera de um vulcão?" Certo.

Um soneto, que no manuscrito, traz o numero XVIII, graças à impugnação de Vicente, que nêle sentira a presença de rimas agudas nos quartetos, e apenas graves até a chave-de-ouro — o que, sem duvida, é uma dissonancia — veio a transformar-se num dos que a critica e leitores de então consideraram dos preferidos no "Nós". Basta citar o primeiro quarteto:

Primitivamente — "Vou partir, vais ficar. Será por pouco:
a vida é um triste e prolongado adeus!
Levo tôda a tua alma e deixo, em trôco,
meus pensamentos, que serão só teus"... etc...

Mudado para: — "Vou partir, vais ficar. "Longe da vista,
longe do coração" — diz o ditado.
Basta, porém, que o nosso amor exista
para que eu parta e fiques sem cuidado"... etc...

Prova do excessivo rigor com que julgou Vicente alguns dos sonetos do meu "Nós" — rigor que lhe pedi e que bendigo — são os dois condenados que, no meu recuperado manuscrito, trazem os números XVI e XVII. Um dêles:

"Este meu grande amor, esta loucura,
este meu sonho bemaventurado,
este doce prazer que me tortura
é meu mais santo e meu maior pecado.

Quando quiseres, alma branca e pura,
que este crime de amor seja vingado,
contenta-te em lembrar que o bem, que dura
pouco, faz do feliz um desgraçado.

Assim, aprende a amar-me como te amo,
que eu não quero um perdão que não reclamo
e que ao dos outros nosso amor iguale.

É tão curta a existencia! Ah! poupa a ofensa!
Pensa em ti, pensa em mim, pensa em nós, pensa
no muito pouco que esta vida vale!"

Qual o grave defeito dêsse pobrezinho? — Pobrezinho, mesmo! Em quatorze rimas, há aí nada menos de oito ferindo o fácil, alva, clara, alta, aberta vogal "a"!

Quanto ao outro, coitadinho, o seu crime foi o de ousar repetir, como se fosse refrão, no segundo quarteto o quarto verso do primeiro, ligeira e maliciosamente (agravante) disfarçado. Ei-lo:

"Ora, eu sei que não pode durar tanto
quanto eu quisera, quanto tu quiseras
este amor que é o meu bem, que é o teu encanto:
morrem na flor da idade as primaveras...

Bem o sei, bem o sabes. Entretanto,
descuidados de tudo, espero, esperas
vê-lo morrer todo orvalhado em pranto,
na flor da idade como as primaveras.

Mas a encantada primavera a gente
sabe que nasce, que sorri, que solta
o vôo e vai-se e torna novamente...

O amor — ai dêle! — uma só vez floresce,
floresce e passa, passa mas não volta,
não volta... e a gente nunca mais o esquece!"

*

Vicente, mestre lapidário, meu mestre: —

Estou voltando da rua Barão de Tatuhy n.o 10, faz meio século. Trago na palma da mão um punhado de estrêlas. Eram pedregulhos.

O poeta com a toga do magistrado

CMP 1.2.2.52-2

ROSA, ROSA DE AMOR...

CASSIANO NUNES

A idéia da familia de Vicente de Carvalho e dos editores Saraiva de comemorar o primeiro centenario do nascimento do admiravel poeta santista com o lançamento de uma edição especial "Rosa, Rosa de Amor..." foi excelente, por mais de um motivo. Antes de mais nada, louve-se o empreendimento pelo valor intrinseco da obra a qual se manifestou de maneira particularmente elogiosa um pugilo de intelectuais, que não tardaremos a citar. Justifica-se também a iniciativa pelo significado do poema no desenvolvimento da carreira poetica do fino artista do verso. Indiscutivelmente foi com a divulgação de "Rosa, Rosa de Amor..." que, em 1902, Vicente de Carvalho um pouco tardiamente tomou lugar na primeira linha da poesia brasileira do seu tempo. Deste modo, dos três briosos mosqueteiros do parnasianismo nacional — Raimundo Correia, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira — aproximava-se mais um, o quarto, e chegava realmente com o impeto de um D'Artagnan. E, finalmente, — ultimo argumento, mas não destituido de senso, cremos — resiste-se, deste modo, á tendencia dos poetas e editores reunirem, de modo definitivo, num só volume, obras que surgiram perfeitamente individualizadas e que transmitem a impressão de se uniformizarem e amortecerem os contornos singulares, quando se agrupam com outros trabalhos literarios, mesmo que todos pertençam ao mesmo genero e tenham sido concebidos pelo mesmo cerebro. Cada obra poetica, curta que seja, descerra uma identidade, que parece desvanecer-se quando surge, para o leitor, imprensada entre criações de diferente timbre. Temos, por exemplo, a lamentar nunca ter visto a maravilhosa "Via Lactea", de Olavo Bilac — essa obra irmã de "Rosa, Rosa de amor..." —, numa edição propria, desvinculada do conjunto de volumes de poemas do grande lirico brasileiro. Aqui deixamos a idéia para que se efetive essa edição, que pede ilustrador condigno e afim. Lembramos um nome: Ladjane. Em 1908, lançando a primeira edição de "Poemas e Canções", que reunia antologicamente as suas melhores produções poeticas, Vicente de Carvalho consolidava a sua gloria de poeta. A afortunada obra, que de imediato logrou o louvor dos doutos e a predileção do povo, rematou naturalmente com "Rosa, Rosa de Amor...", que assim ganhou a função suplementaria de coroar a trajetoria artistica de seu autor, condenando-se, entretanto, a ver um tanto esfumaçados os seus traços imanentes.

Reconhecendo, porventura, o direito de "Rosa, Rosa de Amor..." manter a sua fisionomia particular, Vicente de Carvalho autorizou, em 1923, o aparecimento do extraordinario poema numa edição independente. Tanto quanto sabemos, essa edição simples mas graciosa foi patrocinada por um filho do poeta.

Vale a pena recordarmos algumas das qualificações conquistadas pelo poema aludido, ao longo de sua existencia. Ninguém lhe escreveu a historia — isto é, ninguém mostrou o desenvolvimento da elaboração do trabalho com a respectiva exposição de cortes e modificações, como a que fez para "Sugestões do Luar", do proprio Vicente, Manuel Carlos. As notas deixadas pelo poeta mesmo, manuscritas, num exemplar do poema, que até agora se achavam ineditas, são valiosas, naturalmente, mas, por pouca sorte nossa, reduzidas, de maneira especial na sua parte tecnica. Nelas, o poeta quase que se limita a salientar a unidade da obra, contando o seu enredo. Contudo, chama a atenção para dois pontos que consideramos importantes no poema: a ausencia de particularização e variedade ritmica. Segundo tradição que recolhemos no ambiente da familia do vate, essa unidade não tinha sido premeditada. Surgiu acidentalmente. Teria acontecido com o poeta o que mais proximo de nós, no tempo, ocorreu com Graciliano Ramos, no que concerne ao romance "Vidas Sêcas" que, como "Rosa, Rosa de Amor..." impressionou pela integralidade, pela densidade e ajustamento de todas as suas partes, e, no entanto, surgiu de historias esparsas, nascidas sem conexão aparente. (Inconscientemente, a conexão existia, não há duvida). A obra de Graciliano Ramos no começo carecia de plano, porém a sua homogeneidade patenteia-se no fim. "Romance desmontavel", sugeriu a proposito Rubem Braga. Também "Rosa, Rosa de Amor..." é poema desmontavel. Quantas vezes, por exemplo, vimos na infancia, nos livros escolares, "A Flôr e a Fonte", como criação independente, e, mais do que isso, despojada da sua quadra reflexiva final — só para adultos!

Em "Vultos do Meu Caminho", João Pinto da Silva não se limita a valorizar esse ciclo de poemas no plano nacional, vai além, salientando que ele não só encerra "muitos dos melhores versos passionais até agora escritos em nossa lingua", mas também "alguns dos mais finos, mais fascinantes da literatura universal". Evidentemente, não exagera quando afirma que a coleção de versos, de que tratamos, "vive plenamente a vida da beleza pura".

Manuel Carlos adverte-nos de que "Euclides da Cunha, não quis tocar, receoso talvez de magoá-las com as suas mãos ciclópicas, as pétalas de "Rosa, Rosa de Amor...".

Sílvio de Almeida, filólogo que com sutileza enumerou os elementos componentes de "Rosa, Rosa de Amor...", informa-nos que a obra "com ser um poemeto de mais de 60 páginas, inclusive as brancas", assunto daria para "o tresdôbro de comentários".

Escrevendo na "Revista do Brasil", em 1917, sôbre "Poemas e Canções", Medeiros e Albuquerque afirmou que "Rosa, Rosa de Amor..." quê encerra o volume "por si só bastaria para fazer a reputação de um poeta."

Escrevendo a Vicente de Carvalho, de Lages, no Estado de Santa Catarina, Paulo Setubal, saudoso, afiançava: "No fim do ano, se os meus negócios o permitirem, aí estarei para juntos ainda uma vez nos comovermos com a leitura de "Rosa, Rosa de Amor...".

E para encerrarmos esta sequência de expressões significativas reafirmando a importancia de "Rosa, Rosa de Amor", daremos agora a palavra ao próprio autor que assim revelou a sua dívida para com essa obra de sua inspiração: "O Relicário" apareceu em 1888. Recolhi-me a um longo silêncio de quatorze anos. E só em 1902 publiquei "Rosa, Rosa de Amor...". O sucesso daquele pequeno poema estimulou-me a reunir em volume o que tinha escrito de melhor: e em 1908 apareceram os "Poemas e Canções". A êsse livro dei tudo o que tinha".

Nas suas "Notas" a "Rosa, Rosa de Amor...", Vicente de Carvalho oferece-nos, como já adiantamos, algumas informações valiosas. Começa por dizer-nos que "o poema é um drama que se desenrola em dez quadros." E prossegue: "Não tem cenário. Os seus dois unicos personagens não têm nome: são um homem e uma mulher que se amam. É a história anônima de duas grandes paixões, fundidas em começo, e que se deslindam depois, bifurcando-se, e seguindo cada uma o seu rumo". Por fim explicita: "A ação do drama revela-se em dez situações culminantes, nitidamente destacadas umas das outras, e, ao que me parece, evoluindo logicamente. Em tôdas as situações, é manifesto o estado psicológico de cada um dos personagens. O temperamento de cada um dêles é definido, por sua vez em tôdas as partes do poema, absolutamente homogêneo."

Da leitura dêsse parágrafo, duas observações surgem naturalmente. A primeira é que essa série de poemas líricos não se restringe á área do lírico, do subjetivo; é básicamente um poema dramático; pode-se até avançar com uma certa liberdade: é teatro para ser lido. E, nesse ponto, se acerca até de "Under Milkwood", de Dylan Thomas, em outros aspectos tão divergente da peça poética do autor das "Palavras ao Mar". Tendo-se em conta a pobreza da poesia dramática nas letras lusas e brasileiras, em que os poetas quase nunca ultrapassam o círculo absorvente do "eu", aumenta evidentemente, com essa classificação, a importancia de "Rosa, Rosa de Amor..." no mundo da língua portuguêsa.

O segundo aspecto a assinalar no poema é o da ausência de particularização, de pormenor, de traços próprios. E aqui o objetivo dramático do poema se desvirtua um pouco, pois a poesia dramática — pensamos em Chaucer, em Robert Browning — fortalece-se com caracterização. Assim, genéricas, as figuras apaixonadas de "Rosa, Rosa de Amor...", são antes tipos universais do que personagens, caracteres. "Não tem cenário", acrescenta o artista. Discordamos dêle. O cenário existe de fato. O que acontece é que não foi criado com dados propriamente locais. O poema ficou premeditadamente vago. O escritor, pondo de lado o seu nacionalismo, que nos foi revelado pela sua correspondência, e a lição dos realistas, seus contemporaneos, voluntariamente abstrai. Êsse propósito derivou, segundo pensamos, de uma aspiração estética. O poeta evitou o descritivo, a pintura da paisagem; o que êle visou principalmente foi a criação de uma atmosfera. Podemos afiançar que atingiu, certeiro, o alvo. Obteve êxito de um modo raras vêzes alcançado entre nós.

Na parte final das "Notas" é também instrutivo o que o poeta nos diz a respeito de sua versificação. Fica evidente a procura de variedade e de inventiva original. Cada poema — cada cena — devia encontrar a sua forma natural. Uma das qualidades principais de "Rosa, Rosa de Amor..." — devemos acentuar — é, justamente, o sabor, que nos transmite, do espontaneo. Deve ter sido essa a base do seu sucesso numa época em que a arte poética se encontrava tão espartilhada pelo parnasianismo, ou desvirtuada por esquisitices simbolistas.

"Olhos Verdes" — diz-nos o delicado e determinado versista — tem um ritmo que parece condizer com o vago do assunto. A disposição dos versos parece-me original. Vejamos, embora apenas de relance, os aspectos metricos de "Rosa, Rosa de Amor..." A primeira poesia, "Olhos Verdes", foi composta de hendecassilabos. A segunda, "Manhã de Sol", de alexandrinos. Neste poema, as palavras, que rimam entre si, geralmente pertencem a diferentes categorias gramaticais. Nele frequentemente verbos rimam com substantivos e adjetivos. A terceira poesia — e também a quinta, a sexta e a setima — foi composta de redondilhos maiores, e aí é que entra a influencia de Bernardim Ribeiro, que tem sido muito exagerada pelos criticos de Vicente. Na quarta poesia, "A Primeira Sombra", os versos são variados. O poema é formado por estancias de quatro versos, em que no principio se entrecruzam e depois se interpolam decassilabos com alexandrinos... Nas ultimas estancias da poesia, a ultima combinação metrica também se desfaz e é substituida pelo predominio dos alexandrinos. A oitava poesia, "Serenata" — a nossa preferida — apresenta um padrão metrico curioso. O primeiro verso da estrofe é octassilabo, o segundo um heroico quebrado, o terceiro, um decassilabo e o ultimo, um redondilho maior. Na nona composição do poema, "O Dia Seguinte do Amor", a contradição dos sentimentos, que foi expressa, demandou forma irregular. O poeta disse mesmo: desordenada. Mas transparece certa logica nessa desordem... Por exemplo, a primeira parte da poesia corresponde exatamente á parte quinta, que é a final. Na terceira parte da poesia as estancias começam e terminam com heroicos quebrados e têm alexandrinos como versos internos. De alexandrinos é também composto o distico que conclui essa parte da composição. Na poesia final, a famosa "Ultima Confidencia", alexandrinos entrecruzam-se com heroicos quebrados.

A irregularidade do metro e dos padrões rimaticos, num ambiente tão apegado ás convenções consagradas do parnasianismo, pode ter surgido tanto do desejo de anotação psicologica precisa — intento de dramaturgo — como do objetivo de realizar na epoca do impressionismo poesia impressionista, irregularmente impressionista. Não estamos dogmatizando. E' uma sugestão que lançamos. Anterior a "Rosa, Rosa de Amor..." já surgira no Brasil um notavel livro de prosa impressionista: o "Ateneu", de Raul Pompéia, igualmente autor das "Canções sem Metro", poemas em prosa finamente analisados por Ledo Ivo.

Em que afinal consistirá principalmente a excelencia de "Rosa, Rosa de Amor..."? Qual o predicado extraordinario que justifica o coro de louvores que originou no setor intelectual, além da predileção do publico? Quer-me parecer que o seu valor maximo consiste na sua essencia profunda e totalmente poetica; felizmente, a meu ver, os seus elementos dramaticos, psicologicos, realistas, se tornaram acessorios, secundarios. Sem deixar de ser teatro (seria recomendavel a sua leitura no palco e em programas de radio e televisão), "Rosa, Rosa de Amor..." é antes de mais nada poesia. O exito formal do poeta foi tão completo que faz justamente os seus leitores se esquecerem dos elementos formais do poema. Tendemos de fato a não reparar na estrutura do trabalho de tal modo mergulhamos na sua atmosfera. Penetramos no pequeno mundo do versista. Respiramos o seu ar suave. Nossos olhos sorvem a sua luminosidade. Nesse poema dramatico sem localização marcada e de personagens anonimos, o ambiente predomina sobre tudo. O lugar de ação não foi bem caracterizado, mas tudo leva a crer tropical. O elemento que prevalece na obra não é a côr, mas a luz. De maneira obliqua, o autor sugere esse americanismo fazendo referencias a coqueiros e juriti. O lusismo que transparece nas poesias de setessilabos não chega a descaracterizar o poema. Fenomeno igual aparece na nossa poesia romantica. Universal á primeira vista, quando melhor considerado o poema pode ser situado em area luso-tropical. Das preocupações patrioticas de Vicente de Carvalho dão noticias as cartas que enviou a seu amigo Manuel Carlos e que até hoje se encontram ineditas. Nele, o poeta não se separava do cidadão. Embora amigo entusiasta de Euclides, não o acompanhava Vicente nos seus preconceitos cientificos no que concerne ao tipo etnico do brasileiro. Vicente de Carvalho folgava em se referir á nossa mestiçagem quando o meio cultural brasileiro se esforçava por "branquear" o nosso povo numa epoca de fastigio dos glorificadores do arianismo. Eis o que disse ás normalistas de São Paulo, com referencia á sua origem: "Sou como vedes declarado nesses versos, uma planta bem da nossa terra, um caboclo bem brasileiro e que nunca quis e nem quer ser outra coisa". O seu nacionalismo era de fundo ecologico: alimentava-se da contemplação do ambiente, provinha do convivio profundo com a paisagem e o povo. Terra, mar, plantas, caiçaras, tudo se fundia, formando assim uma imagem una e apaixonante do Brasil. Em obra que tanto vive e se consagra, em virtude de elementos que não se podem racionalizar — por sortilegio fonetico — poderiamos dizer, a presença do Brasil se acha subjacente, e embebe, umedece misteriosamente a composição inteira. Como santista, podemos dar o nosso testemunho: a paisagem das costas paulistas impregna "Rosa, Rosa de Amor...", apesar de o poeta ter evitado apresentá-la de maneira obvia. Mas ela se impõe na irradiação da luz, no fascinio avassalador do mar, no verde quase explosivo da vegetação do litoral; tudo isso me parece facilmente perceptivel á leitura dos versos e nos auxilia a formar um juizo sobre essa peça poetica. Evidentemente, o Indaiá, trecho paradisiaco da orla maritima norte de São Paulo, horto revelador da individualidade do seu proprietario poeta, constitui uma chave para a compreensão perfeita da obra do aedo conterraneo e mestre de Martins Fontes e Ribeiro Couto, que também foram cantores apaixonados do litoral. Em suma, a qualidade primordial de "Rosa, Rosa de Amor..." é o poder de sugestão. Como um perfume, como arabescos musicais, os seus versos sugerem... E daí a sua posição impressionista. Não obstante o "estilo parnasiano" de Vicente de Carvalho, bem marcado por Pericles Eugenio da Silva Ramos, há maior relação de "Rosa, Rosa de Amor..." com o simbolismo do que com o parnasianismo. Nesse eximio assimilador de lições poeticas, que foi Vicente de Carvalho, podemos descobrir ressonancias do Guerra Junqueiro dos "Simples", e talvez até de Alphonsus de Guimaraens. A contribuição muito apontada da lirica renascentista portuguesa não colide com este ponto de vista, pois não se ignora que o simbolismo teve um lado salientemente arcaizante, ressuscitador de velhos estilos.

Foi verdadeiramente uma felicidade que êsse poder sugestivo do poema predominasse sôbre o objetivo dramático e que o impressionismo do poema superasse a sua expressão teatral — romantica — pois, em caso contrario, o poema tenderia para o melodramático. Os personagens ficaram menos visiveis, porém muito mais verdadeiros. Assim nós próprios nos identificamos mais com êles e podemos participar melhor do poema. Recebemos, portanto, a influencia dos versos; compreendemos profundamente a fôrça dos sentimentos expressos — o que oferecem de gôzo ou dor — e, além disso, o que êsses sentimentos possuem de efêmero ou tragicamente durável, de um modo quase proustiano. Estamos, portanto, na área ampla do impressionismo.

Vale a pena observar no poema quão insistentemente o poeta retoma o motivo do sonho. Logo na abertura do poema, essa preferência se evidencia:

"Olhos encantados, olhos
[côr do mar,
Olhos pensativos que fazeis sonhar!

Que formosas cousas,
[quantas maravilhas
Em vos vendo sonho, em
[vos fitando vejo;
Cortes pitorescos de afas-
[tadas ilhas
Abanando no ar seus co-
[queirais em flor
Solidões tranquilas feitas
[para o beijo,
ninhos verdejantes feitos
[para o amor..."

Não se trata na realidade do onirico á maneira desconexa e fantasmal do surrealismo. E' antes o "day-dreaming" romantico, o sonhar de olhos abertos do lirismo que no Brasil ficou materializado naquele "estilo parnasiano", apontado por Péricles Eugênio da Silva Ramos, e que, numa conferência, há muitos anos, chamamos de "parnasianismo tropical". Em sintese: a forma aperfeiçoada do parnasianismo dando expressão á alma lirica do Brasil. O idilio "Manhã de Sol", que se lhe segue, embora cheio de pormenores, oferece no seu todo aquela atmosfera irreal, não do sonho, fruto do sono, mas do sonho que é invenção solerte do desejo. Essa historia de volupia e desespêro, ao fim não parece tanto ter sido vivida como sonhada. Tôda a narrativa expressa pelo poeta funda-se na idéia do transitório e do irreal como constituindo a substancia genuina do amor, e que cabe no lugar comum: tudo não passou de um sonho.

Há duas conclusões em "Rosa, Rosa de Amor...": a do amante que esquece, e para o qual o amor é sentimento transitorio e insubstancial e a da pessoa apaixonada, para a qual o sofrimento outorga ao amor a realidade.

A primeira aparece na penultima poesia:

Ei-la:

"De tudo isso que resta?
[Um quase nada apenas
Em meu olhar distraído
A vaga impressão de uma
[alvura de penas
E o eco de um rumor can-
[tando em meu ouvido".

A segunda mostra-se na "Ultima Confidência", em que a amante abandonada "morre de amor".

Na segunda parte do poema "O Dia Seguinte do Amor", das cinco estrofes que o compõem, quatro começam anaforicamente pela palavra "Sonhos". Nas três estrofes centrais são descritos aspectos particulares do amor como diferentes tipos de sonho. As estrofes da poesia "Serenata", com exceção da ultima, são cortadas ao meio, e o terceiro verso é iniciado infalivelmencom a sentença: Eu sonho...

Mais de uma vez, com uma preocupação estreitamente vitoriana, foi louvada neste ciclo de poemas de Vicente a ausencia da sensualidade. Ao que parece êsses Catões não leram atentamente "Rosa, Rosa de Amor..." ou foram ludibriados pela nota predominante de devaneio erótico no poema, em que os atos importam muito menos que a atmosfera tensa criada pela imaginação ansiosa.

Outro traço estilistico da obra e que aumenta o seu carater vago é a saliência que o poeta dá à grandiosidade do cenário natural, em que se desenrola a história. Por conseguinte, aumenta a sensação de pequenez dos personagens, e assim intensifica o caráter trágico da peça, derivado do contraste que fica patente entre a insignificancia dos sêres sofredores e a imensidão do palco em que se agitam. O adjetivo "vasto" contribui frequentemente para a criação dessa imagem da magnitude do universo.

Logo na primeira composição, encontramos dois versos que nos comunicam o tom prevalecente no ciclo lirico:

"Ei-la que mergulha pela
[noute vasta
Pela vasta noute feita de
[luar;"

Nos versos anaforicos que iniciam as estrofes de "Serenata" também assinalamos a mesma situação:

"Pela vasta noute indo-
[lente"
"Pela vasta noute tranqui-
[la"
"Pela vasta noute povoa-
[da/ de rumores e ar-
[quejos".

E na "Ultima Confidencia", a sensação do transviamento da criatura infima na enormidade do mundo também aparece:

"Ai, é tão vasta a noute!
[A meia luz do ocaso
Desmaia... anouteceu...
Onde vou? Nem eu sei...
[Irei seguindo ao aca-
[so
Até achar o céu...

As imagens de "Rosa, Rosa de Amor..." dimanam principalmente da representação grandiosa da natureza, no que nela nos parece desmesurado: o céu, o mar... Noite, madrugada, aurora, luar, horizonte, são vocábulos que contribuem para a composição do espaço em que o drama se desenrola. Eis um exemplo:

"A risonha
aurora inunda o céu to-
[do afogado em luz..."

Os proprios sentimentos dos personagens são comparados a êsses aspectos da natureza, constatando-se assim a unidade de tom visada pelo autor:

"Que alegre madrugada
[côr-de-rosa
Ser amada por ti, claro
[sol que tu és!

A palavra "longe" aparece varias vezes no poema para aumentar a vagueza e a sensação de grandeza cênica.

Exemplos:

"Ei-la que mergulha pelo
[firmamento
Desdobrado ao longe nos
[confins do mar..."
"Leva-me contigo até mais
[longe, a essa fímbria
[do horizonte onde te
vais sumindo
E onde acaba o mar e on-
[de o céu começa..."

A idéia da dispersão do personagem sofredor no cosmos indefinido e indiferente acompanha tôda a obra.

Reconhecemos que essa imagem do poeta que apresentamos não se coaduna perfeitamente com a que êle próprio ofereceu ao publico, e que foi a que se popularizou. Ficaram proverbiais as expressões que o poeta juntou ao fim da primeira edição de "Poemas e Canções": "Na escolha das poesias aqui reunidas adotou o autor como critério preferir as que lhe pareceram exprimir menos mal, isto é, em frases simples e corredias, com imagens sobrias e mais ou menos claras e fiéis, idéias concebidas com logica, sentimentos sinceros, impressões recebidas. A poesia, como sempre ambicionou o autor deste livro realizá-la nos limites ao seu alcance, deve ser, antes de tudo, cousa que se entenda." Em outra ocasião, o poeta reafirmou êsses pontos de vista, da seguinte maneira: "Em matéria de poesia, a expressão é tudo; com a condição está visto de ser expressão de alguma coisa, que dentro dela viva e palpite. Um belo verso há de conter forçosamente uma bela idéia, ou não será um belo verso, mas apenas um vago rumor. A poesia é uma arte puramente intelectual, eloquente da natureza. Custa-me a acreditar na eloquencia possivel das frases sem sentido, e sentido claro..." Referia-se de certo aos excessos do "nebuloso simbolismo" que condenou no "Cisne Encantado" de Batista Cepellos. Não encontrava o lirico positivista incompatibilidade entre o sábio e o poeta. "O poeta" — asseverava — "vê com os olhos fechados, olhando para dentro de si mesmo; o sábio é um poeta que abriu os olhos e sonha de olhos abertos". Maneira de dizer que nos traz á memória o final do sonêto que dedicou "a um poeta môço"

"Trouxe a certeza, enfim
[(se há sonhos certos)
De ter vivido em plena
[claridade
Dos sonhos que sonhei de
[olhos abertos".

De fato, não explicou Vicente com clareza a posição do poeta, confrontando-o com o sábio: o poeta realmente não "vê" com os olhos fechados: o que acontece é que, em virtude da natureza de sua individualidade, vê de maneira tôda particular. (Bergson dizia que êle enxerga o particular onde os outros individuos enxergam apenas o geral). O próprio Vicente salientou a importancia da visão que chamou "o supremo bem". Chegou a perguntar-se mesmo se a alma não seria uma função do olhar... E num verso bem prosaico que lembra aquêles versos conceituosos do pré-modernismo, os de Hermes Fontes e Gilka Machado, murmurou:

"Olhar, fonte perene e vi-
[va da Emoção!"

Manifestou-se melhor neste:

"E com os olhos que eu
[sinto e compreendo
[— ou suponho".

E esclareceu melhor o seu ponto de vista, neste trecho do poema "De Manhã":

"A vida é para mim como
[a névoa de um sonho
— Névoa confusa de um
[sonho material
A que sòmente o olhar,
[de certo modo, e
[mal,
Dá, com as fórmas e a côr,
[expressão e sentido".

A poesia clara, objetiva, visual, como a queria Vicente, é identificada por êsse arguto e erudito estudioso do verso brasileiro, que é Péricles Eugênio da Silva Ramos, com o "estilo parnasiano" brasileiro, posto de lado tudo o que era imitação da poesia de tipo arqueologico do parnasianismo francês. Afirmou Péricles: "Vicente queria a arte simples — segundo se lê no seu tão citado discurso ás normalistas — e simples a queria Bilac. Tinham a mesma teoria formal".

Entretanto, perguntamo-nos, se o fervor da claridade não derivara em Vicente de outra fonte: a influencia do pensamento de Augusto Comte. Esse extenso periodo, em que não publicou poesia, esse "longo silencio de quatorze anos", foi aquele decerto em que se devotou ás leituras filosoficas, e acabou por aderir ao positivismo. Deve ter sido uma fase de procura não só para o homem, mas também para o poeta. Escrever sôbre quê e como?, indagaria na sua sólidão espiritual o versista. Augusto Comte pode ter-lhe oferecido a solução para o seu problema. Essa idéia nos veio ao confrontar a obra poetica de Vicente com a de seu conterraneo e companheiro mais novo, Martins Fontes. A obra deste, que foi na mocidade um fascinado pelo parnasianismo exterior de Bilac e pelo verbalismo incontinente de Coelho Netto, nos seus ultimos anos, deu uma guinada para o que se poderia chamar um neoclassicismo: uma poesia de claridade. Na sua obra postuma, "Nos Jardins de Augusto Comte", Fontes publica um soneto que concentra o que estou sugerindo. Como titulo do soneto oferece-nos a sentença: "Não turvarei a minha agua para que a julguem profunda". Seguem-se como epigrafes dois trechos de Augusto Comte. O primeiro consiste no seguinte: "A poesia é mais ampla e não menos verdadeira do que a filosofia", o que corresponde ao que Vicente de Carvalho escreveu sobre as relações entre a poesia e a ciencia no seu artigo sobre Richet. A segunda citação é mais longa: "A perfeição conceptiva obriga á perfeição literaria. Procurei alcançar na prosa a musica do verso; pratiquei a regra de Descartes sobre a extrema observancia literaria, verificada na superficie do estilo poetico; e esta disciplina tornou-se a minha fonte continua de corrigendas imprevistas, não só para a clareza do discurso, como para retificação do pensamento". (Sistema de Politica Positiva — IV vol. Clareza. Precisão. Sintese Subjetiva, ps. XI e 19).

O soneto de Martins Fontes constitui uma verdadeira profissão de fé do poeta maduro, uma teoria moral da linguagem, uma definição estetica de base etica:

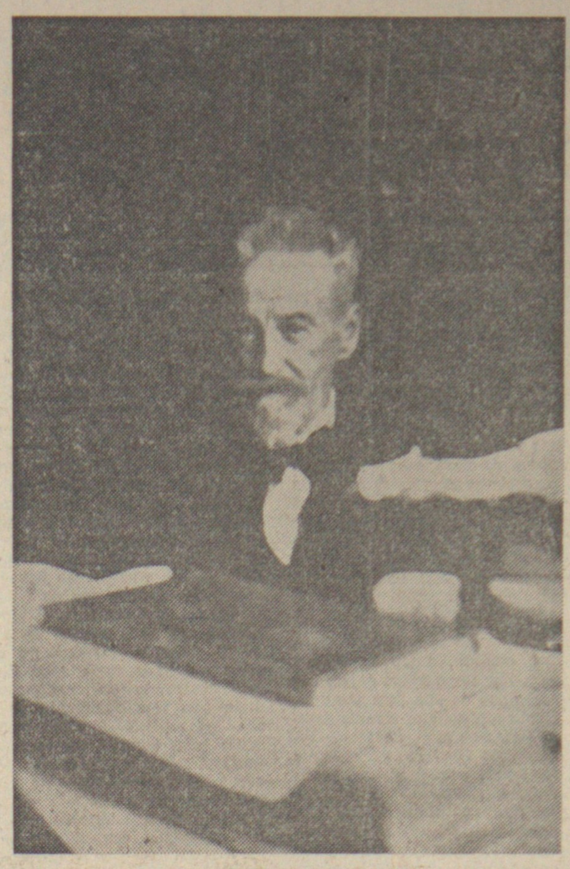
"Mostra-te sempre inteli-
[givel. Faze
Seja qual fôr o estilo em
[que escreveres
Que a limpidez rebrilhe
[em teus dizeres,
Sem a mínima sombra ha-
[ver na frase.

Complexa embora, trans-
[cendendo quase,
A explanação produza tais
[prazeres
Que proporcione a sensa-
[ção de teres
Envolto o assunto em
[transparente gaze.

Espelha-te, externando-te,
[severo,
Sim, porém lucido. E; à
[primeira vista,
A nitidez se note em cada
[esmero.

Torna a palavra a máxi-
[ma conquista,
Usa-a, mas demonstrando
[ser sincero,
Porque a clareza é a boa-
[fé do artista."

E, contudo... mesmo a poesia, que é fruto da claridade, já nasce misteriosa. A diafaneidade dá noticia de mundos ignotos. Uma imagem limpida nos comove, e não conseguimos explicar a nossa emoção. Em que pese ás afirmações do poeta tudo o que fôr nitido, mas tocado de alma, será indefinivel. E' claro que há por ai claridades normativas, que podem ser uteis em diversas secções do universo; acontece, porém, que nada têm a ver com a Poesia: "Rosa, Rosa de Amor..." conduz-nos a este ponto nevralgico do estudo da obra de Vicente de Carvalho em que o poeta racional e claro tratou de paixões absurdas e obscuras, e para dar-nos conhecimento das mesmas plasmou uma linguagem poetica ressoante, que se impõe muito mais pelo que sugere do que pelo que descreve... Nada mais confortador do que verificar que a obra de um poeta vem sobrepujar as suas teorias poeticas. Dessas derrotas acidentais do artista é que se gera o triunfo supremo da imortalidade.



O poeta na sua mesa de trabalho

Ultima fotografia de Vicente de Carvalho, a bordo de um pequeno barco, no Ribeira de Iguape, em abril de 1924

Vicente de Carvalho visto por Tarsila e por Wahst Rodrigues

Vicente de Carvalho: o prosador

PÉRICLES DA SILVA PINHEIRO

Nascido em Santos a 5 de abril de 1866, no "claro mês das garças forasteiras", como haveria de confessar mais tarde num dos mais belos poemas da língua portuguêsa, Vicente de Carvalho começou muito cedo sua vida jornalística e literária. Não tinha 20 anos completos quando publicou seu primeiro livro de versos e pouco mais do que isso ao oferecer ao publico o segundo. "Ardentias" e "Relicário", conquanto já denotassem o aparecimento de um poeta compreensivo á maleabilidade do idioma e ao aproveitamento de largos recursos líricos, não exprimiam, como estética literária, a teoria formal que o haveria de colocar, no processo parnasiano, no mesmo plano de identificação e de grandeza ao lado de Bilac, Raimundo Corrêa e Alberto de Oliveira. O que só aconteceria com a publicação de "Rosa, Rosa de Amor" em 1902 e afinal com "Poemas e Canções" em 1908. Principalmente com êste livro, que foi sua melhor e mais acabada experiência na escola, chamando desde logo sôbre si a admiração da crítica e a atenção do publico, que até hoje não o esqueceu, como o provam sucessivas e recentes edições de seus "Poemas e Canções", o que já não acontece há muito tempo com Raimundo Corrêa e Alberto de Oliveira. A sua fama de poeta, em nosso processo literário, obnubilou por completo suas outras excelentes atividades e aptidões intelectuais. Vicente de Carvalho, de fato, é muito mais lembrado como eterno e inspirado enamorado das Musas, sobretudo como o cantor admirável do Mar. Quando se associa êste elemento natural á nossa lírica, seu nome aparece sempre justa e necessáriamente em lugar de destaque, pois ninguém como êle conseguiu retirar ao mar ressonancias da mais pura e sugestiva beleza literária e estética, inclusive em sua conotação moral e filosófica com a vida.

Não foi, porém, apenas um poeta admirável. Foi, além de poeta, advogado, jornalista, político e juiz, chegando, pelo exercício da magistratura, a membro do Tribunal de Justiça do Estado. Muito poucos, no entanto, a não ser os historiadores da literatura por dever de ofício, se lembram em suas referências dessas outras qualidades pelas quais se manifestaram as firmes convicções filosóficas e os altos pendores intelectuais de Vicente de Carvalho. Elas, porém, são indispensáveis para uma compreensão mais harmoniosa de sua aguda e forte personalidade, no amplo domínio das letras e das atividades gerais do espírito.

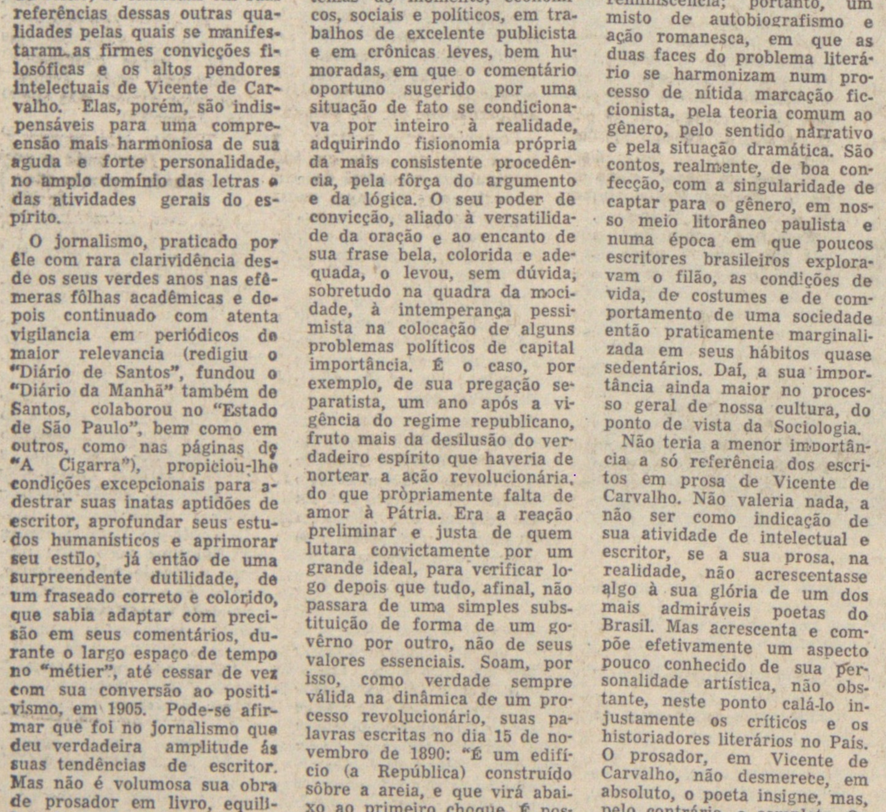
O jornalismo, praticado por êle com rara clarividência desde os seus verdes anos nas efêmeras fôlhas acadêmicas e depois continuado com atenta vigilancia em periódicos de maior relevancia (redigiu o "Diário de Santos", fundou o "Diário da Manhã" também de Santos, colaborou no "Estado de São Paulo", bem como em outros, como nas páginas de "A Cigarra"), propiciou-lhe condições excepcionais para adestrar suas inatas aptidões de escritor, aprofundar seus estudos humanísticos e aprimorar seu estilo, já então de uma surpreendente dutilidade, de um fraseado correto e colorido, que sabia adaptar com precisão em seus comentários, durante o largo espaço de tempo no "métier", até cessar de vez com sua conversão ao positivismo, em 1905. Pode-se afirmar que foi no jornalismo que deu verdadeira amplitude ás suas tendências de escritor. Mas não é volumosa sua obra de prosador em livro, equilibrando-se, de certo modo, com sua produção poética. Pelo menos a que se acha publicada e mais diretamente ao alcance dos olhos para um juizo de valor. O próprio Vicente de Carvalho parece não ter dado maior importancia aos seus escritos em prosa e depois da publicação de "Poemas e Canções" se deixou absorver praticamente por suas funções judicantes, desinteressando-se por completo das letras e da continuação de sua obra literária. E' o que concretamente se pode depreender do fato de a elas só ter voltado em circunstancias especialissimas, três vezes para defender seu acesso á Academia Paulista de Letras e outras vezes reunindo em volume escritos em verso e prosa da mocidade, com raros acréscimos novos. A rigor, de inédito, apenas dois trabalhos sem maior significação no conjunto de sua obra, "A Voz do Sino" (versos, 1916) e "Dois Discursos e uma Carta" (1921). E' uma pena muito grande no caso especial de Vicente de Carvalho.

É comum, entre escritores, repudiar como filhos enjeitados trabalhos de sua fase imatura. Não acredito que tivesse feito isso com os seus, de prosa, Vicente de Carvalho. Seria, a meu ver, sem nenhuma justificação plausível, um excessivo rigor autocrítico. A' sua consciência de escritor, evidentemente, sabia melhor sua experiência lírica, condicionada á sua produção poética. A prova material, contudo, de que não desprezava sua obra de prosador, pelo contrário, a achava digna de figurar em livro, repousa no fato de ter dado publicidade a alguns trabalhos no gênero ("Páginas Soltas", 1911), no conhecido episódio da Academia Paulista de Letras, reunindo mais tarde, em volume de maior unidade temática, alguns dêles com mais dois outros que ali não figuravam ("Luizinha", 1924). Nem havia, realmente, motivo para assim agir. Vicente de Carvalho foi tão bom prosador como admirável poeta. Roquete Pinto, em artigo de 1942 sôbre o ilustre parnasiano santista, exprimiu brilhantemente esta dicotomia do poeta e do prosador, ao dizer que em Vicente de Carvalho o "grande homem que sentia" hospedava um "grande homem que pensava", resumindo, num jogo habilidoso de compreensão dimensional, o sentido da transfiguração emotiva e a força aliciante da cultura, de que foi pródigo o autor dos versos magistrais de "Palavras ao Mar".

A amostra dos exemplos que deixou no gênero é de primeira qualidade e revela um escritor experiente e na posse plena das melhores condições para o seu exercício. Versou temas do momento, econômicos, sociais e políticos, em trabalhos de excelente publicista e em crônicas leves, bem humoradas, em que o comentário oportuno sugerido por uma situação de fato se condicionava por inteiro à realidade, adquirindo fisionomia própria da mais consistente procedência, pela fôrça do argumento e da lógica. O seu poder de convicção, aliado à versatilidade da oração e ao encanto de sua frase bela, colorida e adequada, o levou, sem dúvida, sobretudo na quadra da mocidade, à intemperança pessimista na colocação de alguns problemas políticos de capital importância. É o caso, por exemplo, de sua pregação separatista, um ano após a vigência do regime republicano, fruto mais da desilusão do verdadeiro espírito que haveria de nortear a ação revolucionária, do que pròpriamente falta de amor à Pátria. Era a reação preliminar e justa de quem lutara convictamente por um grande ideal, para verificar logo depois que tudo, afinal, não passara de uma simples substituição de forma de um govêrno por outro, não de seus valores essenciais. Soam, por isso, como verdade sempre válida na dinâmica de um processo revolucionário, suas palavras escritas no dia 15 de novembro de 1890: "É um edifício (a República) construído sôbre a areia, e que virá abaixo ao primeiro choque. É possível que o choque não venha a dar-se; mas não é impossível que êle se dê. Basta para isso que o exército o queira. / Qualquer revolução que se apodere do Tesouro — será uma revolução triunfante, pouco importa que fale em nome da liberdade ou em nome da tirania. Washington ou Napoleão encontrariam aqui o caminho entretecido de flôres, atapetado de aplausos servis, desimpedido de obstáculos. A mésma causa, que produz a indiferença disso que se diz o povo brasileiro pelo seu destino político, se deve atribuir a ineficácia da revolução e a inanidade do novo regime. A mesma incapacidade moral, a mesma incapacidade intelectual, revelam-se no acontecimento de 15 de novembro como em tôdas as manifestações coletivas do povo brasileiro (alude aos movimentos revolucionários brasileiros). Os princípios dominantes que pretendiam dirigir a revolução foram absorvidos pela massa da nossa moleza inconsistente. A República não veio de um movimento nacional consciente e enérgico; nada mais fácil do que arrancá-lo do organismo onde não tem realmente raízes. O edifício, erguido sem custo pela ousadia de alguns homens sôbre a apatia da nação, pode desmoronar-se de um momento para outro". Êste trabalho, no seu aspecto político, conjugado com o que escreveu um ano depois sôbre a crise do café, no seu aspecto econômico, constituem valiosos documentos para ajuizar-se de suas qualidades de escritor e publicista e do comportamento moral de Vicente de Carvalho. É preciso vê-los, contudo, na sua moldura própria, a da sua época, com os descontos necessários para o primeiro, não obstante se possa ainda mantê-lo quase íntegro em muitas conceituações episódicas de caráter histórico e da psicologia do nosso povo.

Em prosa, escreveu a peça "Luizinha" e alguns contos, afora algumas breves indicações de circunstância sôbre poetas paulistas e outros pequenos trabalhos que se enfeixam sob igual tônica expressiva e formal. Talvez a maioria de seus escritos esteja ainda perdida nas fôlhas das publicações em que colaborou. A primeira ainda hoje resiste à crítica e os últimos são de valor relativo. Os contos, porém, baseados em sua maioria na temática marinha, podem também ser lidos com interêsse e sobretudo com proveito, como expressão de uma vivência bem absorvida em suas particularidades mínimas de compreensão e verossimilhança da condição humana. Dir-se-ia melhor, dêsses contos, muitos dos quais de uma beleza cromática em certas passagens, que se situam entre a ficção e a reminiscência; portanto, um misto de autobiografismo e ação romanesca, em que as duas faces do problema literário se harmonizam num processo de nítida marcação ficcionista, pela teoria comum ao gênero, pelo sentido narrativo e pela situação dramática. São contos, realmente, de boa confecção, com a singularidade de captar para o gênero, em nosso meio litorâneo paulista e numa época em que poucos escritores brasileiros exploravam o filão, as condições de vida, de costumes e de comportamento de uma sociedade então praticamente marginalizada em seus hábitos quase sedentários. Daí, a sua importância ainda maior no processo geral de nossa cultura, do ponto de vista da Sociologia.

Não teria a menor importância a só referência dos escritos em prosa de Vicente de Carvalho. Não valeria nada, a não ser como indicação de sua atividade de intelectual e escritor, se a sua prosa, na realidade, não acrescentasse algo à sua glória de um dos mais admiráveis poetas do Brasil. Mas acrescenta e compõe efetivamente um aspecto pouco conhecido de sua personalidade artística, não obstante, neste ponto calá-lo injustamente os críticos e os historiadores literários no País. O prosador, em Vicente de Carvalho, não desmerece, em absoluto, o poeta insigne, mas, pelo contrário, o completa. Os trabalhos que deixou, no gênero, são o melhor testemunho de sua capacidade, — pela pureza do estilo, pelo vigor da construção, pelo senso de oportunidade e pela aguda compreensão do fenômeno literário, condições, portanto, como prosador, para sair-se bem em qualquer dêles, como de fato saiu e como aí estão para demonstrar, na poesia e na prosa, a eterna, tranquila e superior beleza de sua Arte.



Vicente de Carvalho entre a mãe e a esposa, e com alguns de seus filhos, em setembro de 1906

Um dos retratos mais conhecidos do poeta

Arvore milagrosa

DOMINGOS CARVALHO DA SILVA

Parece-nos que o admirável Euclides da Cunha — tão apto a dar côr literária aos ásperos sertões nordestinos e à sêca paisagem humana de Canudos — não teve lucidez, ou perspectiva, para ver na poesia de Vicente de Carvalho o mais significativo e permanente: o "grande poeta naturalista" que êle apontou no autor de "Fugindo ao Cativeiro" não era o que ganharia a estima das gerações posteriores. Esta é pelo menos a lição dos seis decênios que vieram depois do prefácio de 1908. Euclides acertou todavia ao atribuir a Vicente de Carvalho: a) repulsa ao culto fetichista da forma; b) isenção da "loucura" das "idéias exageradamente subjetivas"; c) ausência de "emoções falsificadas".

Cuidou o ensaísta de "Contrastes e Confrontos" de afastar do poeta de Santos a pecha de parnasiano, de simbolista à moda de Mallarmé ou Verlaine, e de satanico ao gôsto de Baudelaire, em quem apontava "os desconchavos do seu bárbaro misticismo". Como se vê, Euclides, que procurou atribuir um sentido idealista e poético à profissão de engenheiro, e que tentou confundir na mesma "obscura zona neutral" o "poeta que aspira à realidade" e o "naturalista que tateia o mistério", defendia, na área da poesia, os seus conceitos de homem devotado à ciência, o que não causou nem causa escandalo, pois a poesia é permeável a todas as infiltrações. A verdade porém é que, a despeito da grandeza intelectual de Euclides e do valor literário do seu prefácio aos "Poemas e Canções", o que sobrevive, de Vicente de Carvalho, são peças como as de "Rosa, Rosa de Amor", do "Velho Tema" e outras impregnadas daquele seu lirismo que oscila entre Camões e Bilac, mas que não recusa a água de nenhum afluente, nem mesmo a que manam as fontes das "Flores do Mal" ou os cultivados chafarizes da imagística barrôca. Aliás, no quinto verso de "Poemas e Canções" — "O eterno sonho da alma desterrada" — Vicente já nos leva para as mansões de Baudelaire: o destêrro do espírito é um lema baudelairiano, por excelência. Êsse verso está no primeiro sonêto de "Velho Tema", em que o poeta santista nos faz entrever uma "Árvore milagrosa", toda "arreada de dourados pomos". Mas essa árvore — só por ser "milagrosa" — já escapa ao naturalismo preferido pelo claro espírito de Euclides da Cunha, sociólogo, repórter, historiador, prosador e cientista, mas jamais poeta, a despeito de seus dois ou três sonetos.

Êsse citado primeiro sonêto de "Velho Tema" ("Só a leve esperança...") merece aliás algumas considerações. Êle é parnasiano por suas premissas e conclusões, romantico pelo tom lamentoso e subjetivo, e um tanto gongórico pelo excesso das antíteses finais, de pensamento e de palavras. O emprêgo da palavra "pomos", como substantivo uma vez, e duas como verbo, é realmente um jôgo conceptista tão distante do naturalismo como a "Canção do Exílio", de Casimiro... Mas no sonêto II da mesma série já o poeta se redime do anacrônico tom romantico-barroco do inicial: a altivez um tanto "insolente" com que êle parte, "de olhos enxutos e alma leve / À galharda conquista do teu beijo", é bem bilaquiana, muito embora fluindo de um verso de Camões: "Eu cantarei de amor tão fortemente". A influência do mestre de "Via Láctea" é patente ainda no sonêto III — "Belas, airosas, pálidas, altivas" — mas há qualquer coisa de fundamental que o distingue: o tratamento do tema do amor.

Bilac é um sensual. Vicente é um amoroso. Bilac ama as formas femininas, talvez as formas exteriores, apaixonado pela sua beleza plástica. Visente descobre, porém, na aparente musa de sua eleição, "Um detalhe sutil, um quase nada", mas um "quase nada" que é muito e que se aproxima daquele "é-não-é" que D. Francisco Manuel de Melo vislumbrava num poema do século XVII:

Contudo não lhe nego aos [consoantes
Um é não é de império [assi divino
Que nas tribulações nos [tem constantes.

É exatamente a propriedade de infundir êsse "é-não-é", êsse "quase nada", nos objetos do mundo exterior, que dá ao homem a sua qualidade de poeta, e que o remoto Juan Afonso de Baena considerava "graça infusa do Senhor Deus". Mesmo, porém, que não aceitemos no poeta o "rêveur sacré" de Victor Hugo, não poderemos deixar de reconhecer-lhe uma aptidão excepcional para a linguagem das alegorias, das ambiguidades e das transfigurações semanticas que levam o leitor á surpresa e ás vêzes ao êxtase. Até que ponto terá alcançado Vicente de Carvalho essas virtudes do autêntico poeta? Mesmo sem ser um gênio da invenção poética, não lhe faltavam olhos para discernir o "vago encanto" da mulher amada, coisa pouco acessível a um naturalista. E nem o poeta naturalista — se existisse tal tipo de poeta! — escreveria um só verso ambíguo como êste: —

Eu sou o unico bem por [que te engano —

de uma ambiguidade geratriz do imponderável, do inefável de que a poesia mais autêntica se nutre.

Essa ambiguidade e essa inefabilidade estão presentes, do mesmo modo, num soneto aparentemente didático e moralista, "A um Poeta Moço", em que Vicente nos fala

De ter vivido em plena [claridade
Dos sonhos que sonhei de [olhos abertos.

Na verdade o que êle nos diz é tão claro e oposto ao sonho — pois se refere aos "sonhos" sonhados de olhos abertos e "em plena claridade" — que só se afirma como poesia por uma razão: é que atrás da linguagem ostensiva há uma verdade poética, ou melhor, como diria Boccacio, há nela um véu alegórico que cobre a realidade.

Que sonhos são êsses, de claridade e olhos abertos? Vicente quer referir-se a uma vida quase onírica, a sua vida de poeta. Os sonhos sonhados de olhos abertos são, evidentemente, as suas páginas de poesia, essa unica e verdadeira musa de tantos poetas. Que "sonho de alma desterrada" — a não ser a poesia — poderia trazer "ansiosa e embevecida" a alma de Vicente de Carvalho?

Não há outra conclusão a tirar: a "Arvore milagrosa que sonhamos", de Vicente de Carvalho, é a própria poesia, fugidia sempre e sempre perseguida. A poesia é, aliás, o próprio "Velho Tema" da poesia, mesmo que use ora o pseudônimo de Laura, ora do de Marília. É portanto á própria poesia — e não certamente a uma musa "fin de siècle", asmática e sufragista — que Vicente dirige e consagra êstes versos:

... eu te amo, e o meu [desejo
apenas cobra o bem que [se me deve.

É portanto na própria poesia que êle encontra "um detalhe sutil, um quase nada" e "o vago encanto da mulher", muito embora não tenha, como não deve ter tido, consciência disso. Não importa porém ao poeta, pelo menos no momento da criação literária, o autoconhecimento racional: o que vale é a lucidez poética de que nos falam os teóricos e que reluz em todos os poemas representativos da lírica de Vicente de Carvalho, a despeito de seus ocasionais — e ás vêzes mal intencionados — negadores.

Vicente de Carvalho: o magistrado

JOSÉ FREDERICO MARQUES

Rápida e curta foi a passagem de Vicente de Carvalho pela magistratura. Nela ingressou em 1907, quando foram criadas três varas criminais na Capital paulista, tendo sido nomeado Juiz de Direito da 3.a vara criminal. Pouco depois, removeu-se para a 2.a vara criminal, e, posteriormente, para a 2.a vara civil. Em 10 de dezembro de 1914, assume o cargo de ministro do Tribunal de Justiça, perante o ministro José Xavier de Toledo, presidente daquela corte judiciária. Finalmente, em maio de 1920, deixa o cargo de ministro, sendo substituido por outro grande juiz: o ministro Polycarpo de Azevedo.

Vicente de Carvalho não se aposentou. Largou a magistratura para ir advogar, junto com o dr. Primitivo de Castro Rodrigues Sette, que se aposentara, no cargo de ministro do Tribunal de Justiça, em outubro de 1916. Banca prestigiosa formaram esses dois ex-juizes. E Vicente de Carvalho a trocou pela magistratura, porque os estipêndios desta não eram suficientes para as despesas de sua casa e de sua família, aliás bastante numerosa.

Homem de rara e fina inteligência, Vicente de Carvalho não foi apenas o lírico consagrado de "pequenino morto", ou o grande poeta naturalista que, segundo Euclides da Cunha, engrandeceu sua terra e sua gente. Prosador admirável, o seu livro "Páginas Soltas" revela nele não só o escritor seguro a manejar a pena com facilidade e bom estilo, como ainda o estudioso de questões sociais e econômicas, que sabia, com acuidade pouco vulgar, ir em busca de soluções adequadas para muitos dos problemas de nossa terra. Seu estudo sôbre o "Café", segundo a opinião de técnicos e entendidos, ainda oferece grande atualidade, graças á compreensão que revelou, já ao tempo em que abordara o assunto, sôbre multiplas questões que êsse sustentáculo de nossa economia em desenvolvimento e da balança comercial do País, têm trazido não só na esfera agrícola, como ainda no terreno das operações mercantis com outras nações.

Claro está que um homem, dotado de tantas qualidades e predicados intelectuais, teria de ser um juiz altamente esclarecido, cuja passagem pelos quadros da magistratura, ainda que de pouco tempo, acabaria por ficar assinalada.

Nos doze anos em que exerceu a judicatura de primeiro e segundo grau, Vicente de Carvalho teve atuação destacada. Suas sentenças e acórdãos, despachos e decisões nada ficam a dever ao que de melhor se tem produzido, nesse campo, por luminares da justiça paulista.

Tanto no "São Paulo Judiciário", como na "Revista dos Tribunais", trabalhos do grande de poeta surgem aqui e ali a mostrar que pouco ficou a dever, ao vate incomparável de "Rosa e Rosa de Amor", o ministro ilustre que, após perlustrar postos de primeira instancia, ganhou promoção para a mais alta investidura judicial do Estado, com apenas sete anos de judicatura inferior.

Suas sentenças, á época em que foi juiz da Capital, sempre mereceram realce, pelo que, muitas vezes, vinham transcritas ou em revistas jurídicas ou em jornais de prestígio como "O Estado de São Paulo" (Cf. Revista dos Tribunais, 1|140, 10|219).

Um de seus trabalhos judiciários teve especial destaque, na época, por tratar-se de litígio rumoroso em que o juiz Vicente de Carvalho, em caso de sonegação de menores, considerou o pai que arrebatara, antes de iniciado desquite judicial, filhos menores, do poder da mãe, como incurso no art. 290, do Código Penal de 1890, e lhe decretou a prisão preventiva.

A citada norma penal incriminadora dispunha ser crime o "sonegar ou substituir infante menor de sete anos". Na hipótese então ventilada, o pai se negara a entregar à mãe duas crianças de menos de 3 anos de idade. Entendeu Vicente de Carvalho que, em face do art. 96, da lei sôbre o "casamento civil" (Decreto n.o 181, de 24 de janeiro de 1890), as crianças com menos de 3 anos deveriam ficar em poder da mãe, mesmo antes de decretado o divórcio ("nomen juris" que a referida lei dava ao "desquite"). Daí ter havido o crime do art. 290, por parte do pai, que se negara a entregar os filhos que não alcançavam, ainda, três anos de idade, aos cuidados da mãe.

Contra a decisão do juiz da 3.a Vara Criminal, impetrou ordem de "habeas corpus" o professor Brasilio Machado, o mais notável advogado criminal da época. E coube a Estevam de Almeida, no julgamento, falar em nome da esposa de quem as crianças foram arrebatadas.

Descreve Plinio Barreto o que foi o julgamento desse "habeas corpus" memorável. "Repleta a sala de sessões do Tribunal de Justiça", pois o "habeas corpus" "despertou positivamente a curiosidade dos nossos advogados e do povo. Tôda aquela gente lá fôra e se premia naquele salão, onde, raro, vai além de meia duzia o numero de assistentes, só para ouvir o debate do interessante caso".

O relatório do "habeas corpus" é feito pelo presidente Xavier de Toledo, conforme o determinavam as leis então vigentes; e êle de início qualifica as informações do juiz Vicente de Carvalho, "de verdadeira monografia". Aliás, Estevam de Almeida, ao subir à tribuna, fêz iguais elogios. Segundo a descrição de Plinio Barreto, aquele jurista e advogado falou que "sentia uma certa vacilação em usar da palavra (...) só e só porque lhe cabia fazê-lo depois da leitura da exaustiva monografia produzida pelo ilustre juiz da Terceira Vara Criminal (o juiz Vicente de Carvalho) em sustentação da ordem de prisão que produziu (...). E' natural seu enleio depois da leitura de uma peça em que, com tanta eloquência, se discute, em tôdas as suas partes, o caso. Não podia ser outro, tratando-se da sorte de duas criancinhas arrebatadas ao regaço materno, aos carinhos de uma mãe cuja vida com o marido é uma tortura de quatro anos, — não podia ser outro o procedimento **desse grande** juiz, que tem o lar rodeado de 12 filhos e **é o mais emocional de nossos líricos**". "E depois de dizer que o dr. Vicente de Carvalho, nas suas informações, salienta que a doutrina nada tem construido ao atinente ao art. 290 do nosso código penal, razão por que se socorre da jurisprudência estrangeira", assim falou em outro trecho: "O trabalho do Dr. Vicente de Carvalho no que respeita à jurisprudência estrangeira é completo. Nada deixa a desejar, nada há a acrescentar-lhe" (Cf. Plinio Barreto, "Crônicas Forenses — O Tribunal de Justiça em 1910", 1911, págs. 172 a 173).

Os trechos da crônica de Plinio Barreto, rememorando os elogios do professor Estevam de Almeida, revelam, com eloquência, o grande e indiscutível valor de Vicente de Carvalho, como jurista e magistrado.

Infelizmente, não conseguimos obter original ou cópia dessas informações tão brilhantes e tão decantadas, que afinal foram repelidas pelo Tribunal, que acabou por conceder a ordem impetrada. Brasilio Machado, pelo que se lê em Plinio Barreto, contestou com ardor e copiosos argumentos as informações de Vicente de Carvalho, levando, como reforço, pareceres de Alfredo Pujol, Candido Mota e Gama Cerqueira, os mais renomados penalistas da época. Lendo, porém, o resumo do caso, nas três crônicas que lhe dedicou Plinio Barreto, não temos dúvida em afirmar que a razão estava com Vicente de Carvalho e Estevam de Almeida. O preceito do art. 96, do Decreto n.o 181, de 1890, era muito claro: a mãe sempre deveria ficar com os filhos de menos de três anos, ainda mesmo que, afinal, fosse considerada conjuge culpado. "A fortiori", tal direito lhe cabia antes de ser declarada culpada. O Tribunal, no entanto, fiel á jurisprudência anteriormente firmada, decidiu que esse direito somente surgiria depois de haver decisão sôbre o desquite, — o que, como vimos, não atendia aos imperativos da lei.

A longa explanação sôbre essa lide, que marcou época em nossos anais forenses, não significa, como é óbvio, que foi só aí que Vicente de Carvalho deu projeção a seus trabalhos de magistrado.

Tivemos em mãos os seus cadernos de votos, quando ministro do Tribunal de Justiça, e fácil nos foi aquilatar, pela sua leitura, o grande juiz que se revelou Vicente de Carvalho, também em segunda instancia.

Pelo que se nos deparou em tais votos, não tinha Vicente de Carvalho a preocupação de invocar autores da terra ou de fora, para fundamentar suas decisões. Na lei e nos fatos contidos nos autos, ia buscar os argumentos de que tinha necessidade para a motivação do voto.

Veja-se, por exemplo, esta passagem lapidar do que escreveu quando do julgamento dos embargos n.o 7.344, de Lorena: "Em matéria de nulidade por inobservancia de formalidades, quando a lei não a fulmina taxativamente, parece-me bom critério indagar se da preterição da formalidade resultou prejuízo de um direito. As formalidades são erigidas para garantir direitos, não para dificultar-lhes o exercício. Anular um efeito por preterição de formalidade que em nada influiu seria excesso de formalismo, e desserviço à justiça. Apadrinho-me, neste modo de ver, com o exemplo clássico da citação, cujo defeito é sanado pelo comparecimento espontaneo da parte".

É o postulado da funcionalidade das formas, hoje pacífico no Direito Processual Civil, que Vicente de Carvalho com tanta singeleza enunciou. Para tanto, não foi em busca de autores, livros e tratadistas: apadrinhou-se no sistema legal em vigor.

Não significa isto que Vicente de Carvalho não usasse de citações, ou que condenemos a remissão ao que ensinam doutrinadores. E' do "usus fori" o emprego de citações. Alguns o fazem por exibicionismo, a fim de ostentarem cultura que nem sempre possuem. Outros, porque isto simplifica o trabalho: ao invés de fazer desfilar tôda a série de argumentos que a discussão exige, reportam-se a uma passagem de mestre consagrado, e com isso se fundamenta a decisão. Mas alguns assim procedem para dar ao trabalho maior consistência, ou imprimir-lhe mais elegancia, pois é exato que, em muitos casos, uma citação adequada, não só traz densidade científica ao trabalho jurídico como ainda lhe empresta maior vigor lógico, ou mesmo realce estilístico. Por fim, não há que esquecer, sobretudo nas passagens onde a lei é obscura ou lacunosa, que a palavra do doutrinador é quase que fonte formal de regras jurídicas. De qualquer maneira, nem dela se deve abusar, nem tampouco é de bom gosto gastá-la inutil e inadequadamente. E quando se tem segurança do que se afirma, por haver esteio ou alicerce legal, o melhor método consiste em evitar a citação de autores, como o fêz, com tanta elegancia e finura, o juiz Vicente de Carvalho na passagem acima transcrita. Mas êle, quando a discussão da causa o aconselhava, sabia onde encontrar reforço a seus argumentos, quer em livros nacionais, quer em autores peregrinos. Pothier e Savigny, Whitaker e Correia Telles, Planiol e Dernburg, para só citar alguns, aparecem, de quando em vez, nos seus votos e acórdãos, bem como trechos de acórdãos e julgados. No "habeas corpus" que atrás foi lembrado, através do que descreveram as crônicas de Plinio Barreto, verifica-se que, ante a pobreza de elementos esclarecedores sôbre o art. 290, do Cód. Penal, foi êle buscar em Pessina e Faustin Hélie, nas "Pandectas" da França e da Bélgica, argumentos e estudos para produzir peça jurídica das mais profundas e completas.

Todavia, não era isso de seu feitio habitual. Revelando domínio completo dos postulados jurídicos das matérias que tinha de decidir, sua preferência era pelo emprego mínimo e avaro das citações de autores, doutrina e jurisprudência. Preferia a argumentação sóbria, mas incisiva e convincente, extraída dos mandamentos legais e dos fatos discutidos e comprovados. E então, com dialética própria, ia, aos poucos, expondo as premissas de cada caso, aparando, em muitos passos, arestas e contornos inuteis, para, afinal, concluir com perfeita adequação e dar, assim, a parte decisória de seu voto ou de sua sentença. Tão apegado estava a esse método simples, mas revelador de seu pleno conhecimento dos problemas equacionados, que mesmo em pareceres que, ao sair do Tribunal, lhe eram pedidos, não muda de tom (Cf. Revista dos Tribunais, 49|131).

Soube, outrossim, ser um magistrado humano, que procurava, dentro da lei, fazer justiça em prol dos sacrificados, dos que vinham defender seu minguado patrimônio com honestidade, e dos que procuravam o pretório para não serem esbulhados em seu labor.

Ao mesmo tempo em que esteve no Tribunal, nosso Estado se achava em plena fase da expansão cafeeira, quando empreiteiros abriam lavouras mediante contratos agrícolas com os proprietários de terras, até então tomadas por mataria virgem e densa que o machado devia derrubar, a fim de serem cobertas pelos "carreadores" paralelos da rubiácea promissora e rendosa, que, ao depois, iria povoar alqueires infindos, nas inumeras fazendas que então se constituiram. Vários votos proferiu, por essa época, Vicente de Carvalho sôbre contratos de empreitada, interrompidos em muitos casos pela ganancia de alguns proprietários impiedosos. E seus votos, invariavelmente, eram em prol dos heróicos e anônimos desbravadores de nossas matas. Para tanto, penetrava fundo nos atos instrutórios, documentos e peças dos autos, submetendo-os a estudo percuciente e rigoroso, a confrontações e exames, de onde, afinal, extraia conclusão satisfatória e justa, tutelando o direito do mais fraco.

Não fosse tão curta a sua permanência nos quadros do Judiciário paulista, e o nome de Vicente de Carvalho, como juiz, não só teria tido a grande projeção que conseguiu ao tempo em que exercia a magistratura, como ainda seria evocado, com a mesma admiração e prestígio que cercam as figuras plutarquianas de inolvidáveis juizes paulistas do passado.

No entanto, ainda que rápida a sua passagem pelo Judiciário, a obra e produção que como juiz nos deixou, bem revelam a excepcional estatura desse grande vulto, que, na poesia, foi, sem favor, um de nossos maiores parnasianos. O santista imortal, cujo estro honra e enobrece a gente de São Paulo, foi, também, um magistrado de raras virtudes e de notável saber jurídico.

Autobiografia

Respondendo a um questionario de carater pessoal e autobiografico, Vicente de Carvalho deu as seguintes respostas, publicadas em novembro de 1924, após a sua morte, pela Revista da Academia Brasileira de Letras:

Metodo de trabalho e processo de escrever: "Não tem. Escreve prosa quando tem necessidade de dizer alguma coisa, e versos, não quando quer, mas quando eles querem".

Poeta e prosador mais apreciado: "Poetas: Camões, Homero, Byron, Musset, Gonçalves Dias, Goethe, Shakespeare, Campoamor. Prosadores: Cervantes, Dostoiewsky, De Foe, Renan, Taunay, José de Alencar, Eça de Queiroz, De Amicis, Alexandre Dumas, Padre Manoel Bernardes, Vieira, Fernão Lopes, Balzac".

Filosofia ou crença religiosa: "Nihil".

Esportes: "Bilhar, pescaria, caça, patinação".

CMP1.2.2.52-3

"POEMAS E CANÇÕES" E SUA PROBLEMATICA

CASSIANO RICARDO

Por ser simples, como é, Vicente de Carvalho será um poeta sem problemas?

Já um dos seus problemas será êsse, o da "simplicidade" como redução ao claro, ao inequivoco.

Terá sido um parnasiano?

Eis outro problema, sem se falar no problema geral que é de se saber se houve, a rigor, parnasianismo entre nós.

O problema parnasiano, o do visual-imagistico, o do raciocínio-emoção, o da técnica, o da linguagem especifica, o do realismo lirico, não podem ser esquecidos.

E não haverá duvidas, inquietações sintáticas e semanticas, do ponto-de-vista lirico, em sua poética, como as que existem na de hoje?

Tais perguntas que muito dignificam sua poesia serão objeto destas rápidas tomadas de visão a respeito de "Poemas e Canções".

Não sei mesmo como julgaram Vicente um adepto da escola reinante na época, (1) ao lado de Alberto, Bilac e Raimundo. A não ser que o escrever bem, o asseio da linguagem, se confundam com a "palavra a rigor" do movimento que precedeu o nosso Simbolismo.

Fôssemos pensar assim e já Gonçalves Dias, no século XIX, teria sido parnasiano por antecipação disparatada e esplendida.

A verdade é que a lição de Leconte e Heredia se diluiu aqui. Tal como a língua lusa que se adoçou com o clima, com a brandura do nosso falar e escrever que nunca foi "circunspectamente" parnasiano.

Mas ia dizendo que a poesia de "Poemas e Canções" é lirica por excelência, vista deste ou daquele angulo de sua problemática. Desde o "lirico-existencial", situação humana prototípica, (Cassirer) ao lirico por "tradição" brasileira.

Mais especificamente, o mestre vai do "lirico-amoroso" de "Rosa, Rosa de Amor" ao "lirico-lucido" de "Fantasias ao Luar", ao "lirico-épico" do "Fugindo ao Cativeiro" e, até certo ponto, das "Palavras ao Mar". Não lhe faltou sequer o "lirico-social", criador de mitos historicos (2) do mesmo "Fugindo ao Cativeiro", nem se lhe escasseou um certo lirismo "étnico-cultural" da "Carta A V.S."

Tudo, porém, na mesma faixa criativa em que lhe procuro situar os poemas a fim de que sua arte seja melhor compreendida e amada. Além da compreensão popular que desde a primeira hora alcançou.

Nenhum poeta do arraial parnasiano (Bilac, Alberto, Raimundo) terá atingido a sua pureza, que transcende a grave geometria da forma graças àquele "espaço para a emoção" que deve haver (Blanchot) entre nós e o poema.

Um contraste violento estaria, sob êsse prisma, entre a tendência de hoje para o "racional", para o "industrial", e a poesia de Vicente de Carvalho.

Não porque lhe houvesse faltado uma grande lucidez, não. Só não cultivou o nosso poeta o "délire de la lucidité" que Valery terá herdado de Poe. O jôgo do intelecto com as palavras lhe agradaria também mas só se houvesse nêle algo de comunicação lirica, mesmo subjacente.

E estaria certo. Não basta ser lucido para ser poeta.

As duas condições, lucidez e sensibilidade, longe de qualquer dicotomia, antes sabiamente dosadas, só podiam elevar, como elevaram notavelmente, o nivel de sua produção poemática.

Os pesquisadores de influencias descobrirão um sabor de Maeterlinck em "Ultima Confidência"; de Garrett em certos sonetos; de Gonçalves Dias em "A Flor e a Fonte".

Se houver mais empenho nisso não faltará quem lhe note, de um modo mais extenso, a influencia clássico-lirica portuguesa. Convém ser honesto e tanto bastará pra se ver que há, aí, uma confusão, que é a de "tradição" com "influencia" quando, estritamente, uma coisa nada tem que ver com a outra.

Ser lirico, ao que me parece, não resulta de "influência" salvo quando há (e não é o caso) um lirismo formal e particular vindo de alguém (de um Camões, de um Bocage) ou um lirismo filosofico (de um Quental), enfim, um lirismo "marcado" por quem o inventou e fêz tipico.

Fora daí não se é influenciado por ninguém só porque se é lirico. Só porque temos uma tradição (legitima) lirico-portuguêsa.

Vicente é que "inventou" seu lirismo pessoal, só seu, e que se me afigura inconfundível. A tradição apenas o teria tornado mais autentico por uma questão étnico-emotiva que nos provém de muito mais longe, como o demonstram Leo Spitzer e Damaso Alonso.

O Vicente de "Rosa, Rosa de Amor" é puro Vicente mesmo, sem tirar nem pôr, dentro de uma tradição inalienável. Isso sim.

Não só em "Rosa, Rosa de Amor", observe-se. Sonetista exímio de "Velho Tema", não foge ao lirismo exigente que se traçou. Há que notar porém — para maior glória sua — que o soneto por êle praticado se torna (3) quase imaterial, quase aéreo. Vicente quebra-lhe a rigidez imitativa e o faz um veículo mágico de sua graça amorosa e conceitual.

Todos sabemos de cor o "Velho Tema" e cada um dos sonetos que o constituem, mas qual o segrêdo do seu poder de persuasão extralógica, extramétrica?

A graça e a ternura substituem o "metrical scheme" e de tal modo que se lê, ainda hoje, um soneto de Vicente sem a preocupação de que seja um soneto. O que êle nos diz dá certo em 14 versos, nem mais nem menos. Ao passo que os outros poetas, um Bilac, um Alberto, um Raimundo, deixam aparecer o soneto (sem prejuízo da beleza interna) mas ostensivamente soneto. A "métrica-conteudo" ficava à mostra, não obstante a afirmativa de Bilac em contrário.

Em Vicente, não. Tanto faz ser soneto como não ser. Sem dúvida que é, pelo primor da fatura mas a simplicidade, a ablação das marcas e signos que possam dar na vista o tornam tão translúcido que o apreciamos mais por dentro do que por sua "semostração" exterior, geométrica.

Técnica oculta, íntima, a sua; ajustada ao que êle queria dizer e comunicar. Aquêle "self-government" com que a poesia se freia internamente ("sibi imperiosa", segundo Horácio).

E é curioso acentuar essa devoção artesanal num poeta cujos versos parecem brotar com a espontaneidade de um veio d'água de serra.

Resultado: a simplicidade, que supera a "espontaneidade" enganosa e fácil. Uma simplicidade difícil, dirigida, mas principalmente "trabalhada" em silêncio.

Será mesmo — pode-se crer — tal "autenticidade pela simplicidade" que enterneceu Euclides, o estranho trágico dêsse mural poético da subterranea vida brasileira que é "Os Sertões".

Em síntese, realiza Vicente, no sonêto, a fusão "forma-conteudo", "espaço-tempo", "plano-perspectiva", inteligência-sensibilidade", "sintaxe-emoção" que tantos buscam hoje e que foram alcançadas já por um alto poeta como êle, com a consciência vigilante do seu ofício.

E o famoso Vicente das "Palavras ao Mar"?

Conta-se que Rimbaud escreveu o "Bateau Ivre" ainda quando não conhecia o mar e isso, em verdade, não lhe diminuiu numa vírgula o mérito do poema.

Mas a poesia é também experiência humana.

O nosso grande poeta viveu e conviveu com o mar e de tal modo se identificou com o seu "tigre selvagem, a que a brisa do largo erriça o pêlo" que êsse tigre verde lhe roubou um dos braços, em razão de uma pescaria. Mar frequentado, usado, "existido", fazendo parte do seu corpo.

"O mar é para mim como
[um céu para o crente".

Mesmo quando alude a uns "olhos verdes" é porque são "verdes da côr do mar". O poema é muito mais do mar que dos olhos:

"Cortes pitorescos de afas-
[tadas ilhas"

e uma vela alva, no horizonte. Ilhas que conotam "iris" (dos olhos) e vela alva que conota o branco (também dos olhos).

E aqui cabe também admitir: se é verdade que "rimar" é mais brasileiro que "não-rimar", Vicente prova que não. Podem existir — vá lá — umas rimas mais brasileiras que as outras, as em "vogal surda", como Tristão lembrou, mas as "Palavras ao Mar" dispensam a rima; a gente nem dá pela falta dela. Mesmo no verso em que o metro é "ritmo especializado" (4) como o de ritmo heroico ou sáfico.

Pelo menos em "Poemas e Canções" ritmar já é um contínuo rimar. Não só o verso é branco; o ritmo já equivale a uma "rima branca".

Não será êsse, evidentemente, o maior mérito de "Palavras ao Mar". E' o poema em sua integral realização estética. E' a sua total beleza, do começo ao fim. São os raciocínios líricos que aí se elevam a alto grau. E', — como se disse linhas atrás — para sua maior autenticidade, a indissociável identificação do poeta com o mar.

"... amargo confidente do
[mesmo sonho que
[sonhamos ambos"

Trata-se, a meu ver, de uma verdadeira obra-prima, em nossa poesia e na de qualquer país.

Vicente é visceralmente lírico, disse eu de início, e o curioso é observar agora que do lirismo confidencial, mas nunca desprevenido nem meramente espontaneo (isso não) soube passar para o "descritivo" que está em seu "épico", como em "Fugindo ao Cativeiro".

Vicente de Carvalho esposa e filhos em Bruxelas, 1913

Então se apresenta outra dimensão de sua poesia: a social, ao lado do problema estético; a da palavra que se faz pictórica, visualista.

No êxodo dos negros para o Jabaquara, Canaã dos cativos, veja-se como é descrito um deles, com a sua foice contra a carabina da escolta:

"Erguendo o braço êle er-
[gue c foice
e rola sôbre a terra uma
[cabeça sôlta
"E, coriscando no ar, a
[foice rodopia".

Aliás, ninguém terá pintado melhor a Serra do Mar do que êle, nêsse poema.

O entusiasmo com que o fêz não lhe obscurece a vista e o nosso poeta vê as menores coisas no quadro em que se desenrola o drama do "Fugindo ao Cativeiro". A vegetação trançada, onde todos os vegetais lutam; tôda a "plebe da floresta", como êle diz, constituida pelas plantas que rastejam ao pé do tronco alto.

A descrição pormenorizada se alia a global, em grande estilo. O vulto da Serra não podia ser fixado com maior vigor do que no trecho em que ela ondula, sobe e desce, entre precipícios e "calhaus, bruscos como arrepios"; surge, recai, ressurge, até rolar na treva.

"despedaçadamente e in-
[definidamente"

O que Vicente descreve com palavras vai sendo visto por nossa imaginação visual (ideogrâmicamente, diga-se assim) como se tudo estivesse corporificado de maneira sólida e ao vivo.

Educa-se hoje o ôlho para o visualismo, não tem duvida; inventa-se uma "gramática da visão" (Susanne Langer). Certo experimentalista demonstra que a área do cérebro ocupada pela visão (5) é mais extensa, no vocabulário do que a tátcil e a do ouvido.

Daí a imagem de Vicente, "concreta", sem ser preciso recorrer á "optical art".

Várias palavras "fotogênicas" são típicas no seu "descritivo" épico-lírico. O "rodopiar da foice no ar", por exemplo. Mas o "despedaçadamente e indefinidamente" pra pôr em relêvo a Serra do Mar é de um visual fotogênico que direi "apocalítico", em sua grandeza e majestade.

Alude Euclides ao seu naturalismo. Sim, naturalismo, mas como o entende Worringer, em "Contribuição (6) para a Psicologia do Estilo"; não cópia do modêlo natural. O "natural ganha aí uma nova dimensão, apesar da ênfase, pela sua integração no natural (sofrido) do poema.

Então chega êle a uma "verdade rigorosamente geológica". (7)

Como quer que seja, não aceita Vicente a natureza "em bruto", senão pelo visual da imagem, cheia de conotações líricas indisfarçáveis.

O seu naturalismo se transforma, pois, num "realismo lírico" que talvez corresponda ao que Adolfo Casais Monteiro descobriu em nosso romance (Jorge Amado, José Lins do Rêgo) mas que acredito seja igualmente aplicável á poesia.

O que se quer hoje já não é o "natural-cópia" nem imagístico mas o poema "máquina de palavras" made in U. S. A. O que vem a ser, em têrmos novos, a mesma coisa que cópia, mas agora do "industrial", mercê da "mimésis" (8) que poderá levar á "robotização", ao "pleonasmo" delirante.

Mas não é isso uma simples multiplicação sem criação?

Vicente, como venho dizendo, atinge o "lírico" em várias dimensões e faz da poesia, também, um instrumento de autognose e autocrítica. E' o que se vê na "Carta a V. S." e em "Sonho Póstumo".

Neste ultimo expõe sua filosofia, sua atitude em face da morte, "mais um degrau da escada/ por onde eternamente a vida sobe e desce/ do nada para o nada".

Talvez se possa falar num "problema do coração" em sua poesia; problema ao invés de tema, como hoje propõe a poesia praxis. Porque Vicente, encantador no "cantabile" (vejam-se suas trovas, suas canções), não quer o humano em demasia, desdenha do que o coração possa ter de romantico e "dado a orgias de bondade".

Quer alcançar o "sossêgo viril" nesse exame espectral de sinceridade e severa introspecção. Tem a coragem de se pôr em desacôrdo consigo mesmo. "Sans ce souci de rester d'accord avec soi même", como diria M. Merleau Ponty, aludindo a Lukács, em "Signes".

Tomado o coração em tal sentido tem razão o poeta. Será coisa bem semelhante ao coração que Scheler (9), Pascal, Ramuz, tomam como um dado da experiência e da cultura ("l'ordre, la logique du coeur").

Porque em Vicente a poesia é o homem; é o retrato lírico do "homem realizado".

Não lhe faltou o humor da "Carta a V.S.", em que, num tom de conversa, se diz descendente de algum bugre feroz, de corpo bronzeado, mas depois

"...disputado em leilão
em nome de três mil sis-
[temas e doutrinas"

e dado "á macaqueação cabocla do europeu". Pra se confessar um devoto da natureza e "ignorar o minuto, inseto odioso e vil".

"E livre do canudo atroz
[do bacharel,
passo orgulhosamente a
[ser coisa nenhuma".

Nesta passagem, como em "Fugindo ao Cativeiro", Vicente pratica a poesia em função social. "Agrade ou desagrade á nossa vaidade — explica — somos mestiços e é como mestiços que estamos construindo uma grande nação".

Curiosidade digna de registro é a de que o Modernismo também combatia a "macaqueação". Queria o Brasil no original. De modo que êsse verso de Vicente, de repudio á "macaqueação cabocla do europeu", tanto podia ser assinado por Mário como por Menotti e Oswald. Sem a mais mínima restrição.

Bandeira ironizou até a "macaqueação da sintaxe lusíada"...

Mas que dizer da vontade de Vicente para a arte, daquela "intensity of the artistic process" a que os estudiosos da poesia moderna se referem?

Hoje há dois caminhos formais de vanguarda: ou pela "mimésis" o poema imita o produto industrial, ou, por antinaturalismo, apela em ultima instancia para soluções geométricas planas e côres puras.

Não se dirá, mesmo nesta segunda opção, que seja um prazer apenas intelectual (10) ou gratuidade da inteligência. O recurso ao "quadrado" é também humano como forma de humano desespero num mundo tão açoitado pela lição da angustia.

Os experimentos de hoje, contudo, não tornam ilegítimos os de ontem. São acréscimos.

Pretende-se praticar o poema de uma só palavra, exalta-se o "poema minuto", louva-se o haicai, adota-se o ideograma, o "one verse-poem". Mesmo só um verso, se longo, já será longo demais ("un vers, c'est trop long").

Certos poemas longos de Vicente poderiam resultar em hipnose, então. Pelo menos ser dados como incompatíveis com tais extremos de essência, medula óssea, mínimo de palavras, etc.

Mas um pouco mais de atenção á sua estratégia compositiva nos mostrará o recurso hábil de que o poeta dispõe com o emprêgo, por ex., do verso curto de permeio com os longos, no poema longo. Tira êle, assim, o compacto ás estrofes, salpica de pequenos impactos líricos e de muita graça ritmica as suas composições. Quebra a majestade dos alexandrinos (11), tornando-os leves e ducteis e suprimindo-lhes pela raiz o compromisso parnasiano da solenidade em tom maior e hierático.

Isto quanto aos poemas de "Fragmentos da Arte de Amar", notadamente o II, "Pequenino Morto", "Fantasias ao Luar", "Oração Pagã". Mas sua predileção é pelo verso curto, antiparnasiano por excelência.

Compreende-se, portanto, a tática sutil do poeta em sua manipulação magistral do verso curto entre os longos, como golpes instantaneos e verticais na estrutura horizontal do poema, com reflexos semanticos indisfarçáveis.

Haverá outras razões mas essa me parece a principal e, sob certo aspecto, a que o atualiza mais — na forma — num instante como o de "un vers, c'est trop long" e do haicai revivido.

O que não se notou ainda em Vicente é o seu "visualismo".

Referi-me a tal ponto de sua poética em "Fugindo ao Cativeiro" mas não será demais insistir em que quase todos os seus poemas o demonstram.

"O olhar vale mais do que
[a vida"

é um verso definidor.

"Ver é o supremo bem", reltera êle. O final da parte I do "De Manhã" é todo uma ode ao "ver". Daí o seu amor á côr: a "primavera de ouro", o "claro mês das garças forasteiras", os "debruns de prata" no vestido "nôvo-azul-celeste" do pequenino morto, o verde do mar, os olhos verdes "da côr do mar", o "ouro do sol bubuiando á toa", a foice "coriscando e rodopiando no ar", enfim, todo o seu imagismo cromático (fanopéia).

Com admirável agudeza crítica Fausto Cunha valoriza o "descritivo" vicentino da floresta na Serra do Mar, notando-lhe (12) a riqueza de rimas internas e assonancias.

Gostarei de acrescentar apenas que nesse emaranhado de trapoeirabas, tramando; nas touceiras e trepadeiras, nas hastes, no talho da jissara, no tronco inteiriço, na vegetação turbulenta, afinal numa confluência espantosa de "tt" com grande efeito, os próprios "tt" traçam, "visualmente", o poema (o chão da floresta de que o poema é a imagem fenomenológica). O conflito dos vegetais se transfere, presentativamente, para essa "gesticulação gráfica" de "tt" que, por serem iguais, repetidos, insistentes, lembram numerosas hastes trançando, umas com as outras, o chão, floresta adentro.

Sem se confundir com a aliteração de que tanto se abusou na época; ao revés, com a vantagem de cada consoante por si mesma ter um sentido, além do da palavra — o do visual físico.

"Há contorções de raiva e
[frêmitos de susto"

em tanto "t" tão sábiamente usado como unidade física e fônica (semantica visual e fonética).

Muito mais difícil (outro problema de sua poética) é ser poeta claro do que obscuro, pela simples razão de que a obscuridade já é poesia: "la noche obscura del alma". Haverá outras espécies de obscuridade, a de um poeta metafísico e elíptico como Eliot, a obscuridade como comportamento poético, (Mallarmé) a obscuridade dos que turvam a superfície pra parecerem profundos.

Vicente faz questão de ser claro e o confessa numa de suas notas explicativas. Se aqui ou ali usou de uma palavra menos nítida foi sem querer.

Poesia á vista de todos.

A respeito de um verso:

"abril sorrindo em flor
[pelos outeiros"

explica que no litoral há em abril e maio uma segunda e violenta primavera. A "flor de maio" (13) bem o demonstra.

Excesso de escrupulo, o seu. Existem "verdades poéticas" que não precisam ser provadas. Uma musica de Beethoven (quem o diz é Alain) não precisa de prova; a Vênus de Milo muito menos. Que o "nosso céu tem mais estrelas" também não — pode-se acrescentar.

Vicente podia, sem nenhum desprimor, reunir á "verdade geológica" da Serra do Mar a "verdade poética" da primavera em abril, no Indaiá.

E' o caso de lembrar Milton, acusado de quatro estações num só período, em certa passagem do seu célebre poema. No entanto, o poema em nada se diminuiu com êsse cochilo de Homero, isto é, de Milton.

Mencionei o seu desígnio de clareza e, realmente, queria Vicente a poesia "como coisa que se entenda". A sua imagética é sóbria, escassa de valor demagógico, mas convincente.

Uma grande economia de meios (14) caracteriza ainda a sua poemática. Não inventa êle palavras mas sabe conduzir-se com rara justeza em assunto de linguagem poética, específica.

Tudo é intenção e subintenção em seu poetar. Nada por "acaso", espontaneidade, verso "por fatalidade mesma da lingua".

Um elemento "inintencional", é verdade, pode ser encontrado em

"noute sem aurora todo
[amortalhou-te"

em que "noute" (como preferia dizer) rima a palavra inicial do verso com a final, como que de propósito.

Mas o poeta nunca se serviu do acaso; queria que tudo fôsse inequívoco, pretendido, fruto de intensa busca, embora secreta.

Ser natural, ser simples, ser claro, são três graças que parecem fáceis. Não há três graças mais difíceis de alcançar. Três graças? Três problemas que o grande Vicente resolveu a um só tempo, através de duras penas e mortificações. Muita vez, quem sabe, pela negação de si mesmo e de suas complicações de ser pensante e complexo.

Cabe-lhe ainda o privilégio de haver escrito em nossa lingua a mais perfeita quadra que conheço:

"Haverá queixa mais justa
que a do feliz que se
[queixa?
Ai, o bem que menos custa
custa a saudade que deixa.

Já o ponto culminante da "felicidade como árvore de dourados pomos" mas que nunca alcançamos:

"Porque está sempre ape-
[nas onde a pomos
e nunca a pomos onde nós
[estamos"

é um caso, extraordinariamente feliz, de sua dialética lírica, de sua sintaxe espacial, de sua capacidade de aproveitar a contradição em função poética.

Em conclusão:

Desenvolve-se hoje em arte e notadamente em poesia "un'accanita e nobilissima dialetica concettuale", como adverte Umberto Eco, já famoso exegeta da arte como "opera aperta". O prof. Argam (no "Convegno Internazionale" de Rimini) entende que conduzir a arte para a teoria da informação é deslocá-la do plano da historicidade para o do extra-histórico. A máquina pode conduzir, diz êle, o homem a uma existência não mais historicamente controlada e motivada.

Em meio a "três mil sistemas e doutrinas" nos fará um grande bem um passeio "histórico" aos "Poemas e Canções" como retomada do lirismo criativo que é uma necessidade do homem em qualquer época. Notadamente numa época como a nossa.

O lugar de Vicente de Carvalho não é apenas o das antologias literárias, onde os poetas aparecem classificados didáticamente tendo-se em vista a conveniência do leitor. O seu lugar é também no coração, na memória das gerações para as quais uma canção de amor é sempre simples, direta, inteligível.

Com inteira justiça Mário de Andrade e Manuel Bandeira o colocaram acima de Bilac, Alberto, Raimundo.

Mais próximo do Modernismo pelo seu nenhum compromisso com o parnasianismo, conseguiu Vicente fazer da poesia sua "árvore de dourados pomos".

Mas uma árvore que ainda hoje pomos, sempre, onde estamos; e nunca onde não estamos.

(1) "Não compreendo essa arte (o parnasianismo) que faz da beleza da frase o valor exclusivo do verso", esclarece êle próprio. (João Pacheco, "A Literatura Brasileira", v. III, p. 119, ed. Cultrix).

(2) Antonio Soares Amora, "Hist. da Literatura Brasileira", 4.a ed.

(3) ..."a leveza de expressão, que quase chega á diafaneidade". E' o que também observa João Pacheco, op. cit.; p. 122.

(4) "Specialed form of rhythm" (Richards, "Principles of Literary Criticism", p. 143).

(5) Gordon H. Wright, em "Neuroanatomia e Vocabulário", trad. de José Reis.

(6) Wilhelm Worringer, "Abstraction and Empathy", p. 26.

(7) Euclides do Cunha, Prefácio a "Poemas e Canções", 14.a edição, (Saraiva) p. 21.

(8) Henri Levebvre, "Métaphilosophie", p. 240 (ed. Minuit).

(9) Max Scheler, "El Saber y la Cultura", ed. de "Revista de Occidente", Madrid (p. 59).

(10) ..."this preference for abstractgeometric form was not a matter of spiritual pleasure, not gratification of the intelect" (Worringer, op. cit. p. 35).

(11) Mesmo nos alexandrinos a tônica que deveria marcar profundamente a sexta sílaba, ainda mais se sutiliza. (Pericles E. da Silva Ramos, "O Verso Romantico", p. 46.

(12) Fausto Cunha, "Vicente de Carvalho", in "Nossos Clássicos", Agir, nota á p. 55.

(13) Na descrição em prosa das flores do Indaiá, Vicente faz lembrar Proust, em Combray.

(14) Fausto Cunha, op. cit., p. 18.

VICENTE DE CARVALHO E 22

MENOTTI DEL PICCHIA

A geração de 22, revolucionária, polemica e revisionista reverenciou em Vicente de Carvalho o maior lirico da sua contemporaneidade. A figura máxima da Revolução Modernista, Mario de Andrade, a quem todos os seus companheiros de "Semana de Arte Moderna" conferem a suprema liderança daquele movimento renovador do pensamento brasileiro, assim se expressou com referencia ao poeta dos "Poemas e Canções": "Vicente de Carvalho é um dos maiores poetas brasileiros. Coloco-o junto de Claudio Manoel da Costa, de Basilio da Gama, de Dirceu, de Alvares de Azevedo, de Varela..." "Vicente de Carvalho sobre ser artifice inteligente, é genuino artista. Mais poeta que todos os metrificadores da sua geração".

Os "metrificadores" da sua geração eram, nada menos, nada mais, que Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, e uma Francisca Julia e outros de quase identico gabarito.

E' claro que a opinião de Mario, refratando, então, o espirito critico revisionista do "modernismo", via em Vicente de Carvalho o poeta devolvido á liberdade e á pureza de sua inspiração e senhor absoluto de uma técnica pessoal indene á pressão da formalistica parnasiana. Cada geração vive sob o mito de uma escola sustentada pelo prestigio dos seus lançadores, geralmente grandes artistas, policiada por uma critica severa que patrulha o uso dos moldes que lança em voga. Para Mário e para nós seus companheiros, o criador das "Palavras ao Mar" se alforriara de "fetichismos e idolatrias pela Fórma e pela Beleza", disposto a não "morrer em prol do estilo", livre dos ditames axiomaticos de um processo literario que cristalizava a fluidez da poesia na rigidez heril ou na monumentalidade mamorea, de versos lapidares.

A sutileza dessa anotação talvez seja valida para o rumo de certa poesia atual desta éra neoparnasiana que transfere para o envolucro verbal do poema — "fórma", após uma exasperada emulação de pesquisas técnicas e um frustrado delírio de descobertas — a propria finalidade da criação lirica, eliminando nela sua substancia vital que é emoção e, consequentemente, sua comunicação humana.

Quando Mario emitiu seu juizo sôbre Vicente, conferindo-lhe tão gritante prioridade sobre seus contemporaneos, estava a geração nova em combate frontal com o parnasianismo. Contra ele se insurgira também o luminoso renovador da "Paulicéia Desvairada". Já então Euclides, ao paraninfar os "Poemas e Canções", lançara sua condenação com a nervosa violência do seu estilo contra a tirania formal — paradoxo num artista que era o maior artifice da palavra — fulminando com seu anátema "as varias escolas esporadicas que vão do parnasianismo com a idiotice do seu culto pela forma, ao simbolismo com a loucura das suas idéias exageradamente subjetivas". Mario correu ao campo contrario para reparar, com sua justiça, o dano que aí faziam "os roedores que tão por miudo escarafunchavam a obra de um poeta". Releu, analisou e comentou os poemas de Francisca Julia, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Vicente de Carvalho. Registrou, neste, uma relação muito tênue com o parnasianismo. Considerou-o mais proximo dos que pleiteavam a derrocada do Olimpo, a libertação da poesia, pela libertação do poeta de quaisquer compromissos com uma escola ou subserviencia ás influencias do passado.

É claro que às influências do passado não escaparia a arte de Vicente. Delas jamais se libertarão os artistas de qualquer tempo. Todo criador recebe dentro da atmosfera em que desenvolve seu espírito uma histórica herança cultural que, através de inumeras e imponderáveis raizes, nutre a flora da sua criação literária. O que resulta de novo no milagre da elaboração artística é a marca pessoal do poeta impondo seu sêlo original no inconsciente aproveitamento dêsse tesouro de cultura de que todos são herdeiros, que se incorpora à própria natureza humana, patrimônio comum de toda as criaturas. A obra de arte é, na realidade, uma constante recriação do que já foi imemorialmente criado. A vida mesmo, para a temática artística, repete seus arranjos anedóticos, dramáticos, liricos, emocionais. Os temas da Bíblia, da tragédia grega se repetem. O que os modernistas de 22 condenavam no seu tempo, dentro do sentido da sua revolução libertária, era a escravidão à dogmática das formas impostas pela convenção das escolas. A devolução de Vicente á sua espontaneidade lirica, desamarrando-o dos laços do parnasianismo, conferia-lhe o melhor título para a simpatia dos modernistas. O que viam nela era um "artista", como afirmara Mário, entregue à plenitude do seu estro lirico. Pouco lhes importava se — como anotou Fausto Cunha ao rastrear casuais incidências de pensamento ou da construção poética do autor de "Fugindo ao Cativeiro" — lembrasse nelas Baudelaire, Gonçalves Dias, Garrett ou Maeterlinck. Camões lembrará Torquato Tasso. Os modernos de hoje tresandam a Pound, Eliot, Joyce, Kafka. O que lhes interessava era a musicalidade, a graça, a translucidez do seu lirismo que podia fulgir em quadras como estas:

...Tem alicerces de areia
o que constroes cada dia
vida que corres tão cheia
para a morte tão vasia.

Haverá queixa mais justa
que a do feliz que se
[queixa?
ai, o bem que menos custa
custa a saudade que deixa.

Até hoje o atavico romantismo da gente brasileira se sensibiliza com a fluida e mágica atmosfera que o artista cria com a evocação das suas paisagens marinhas. Poeta do mar, sente-o e ama-o com profundidade porquanto nasceu na orla do oceano, viveu seus lazeres à beira das praias ou nas ondas do mar santista.

Nas "Sugestões do Crepusculo" e nas "Cantigas Praianas" soma às nevoas e ao mistério do inconfinado panorama oceanico os melancolicos estados de alma do poeta:

Ninguém sabe o que
[suporta
o mar que chora na areia
por essa tristeza morta
das noites de lua cheia.

Em baixo, o pranto das
[águas,
em cima, a lua serena...
E eu, pensando em minhas
[máguas
ouço o mar e tenho pena.

Cremos que não se fêz ainda um meditado estudo sôbre a integração de Vicente com o mar. Não há duvida que o mar para o poeta não é um mero tema paisagístico ou uma oportunidade simbólica para transferência, nos caprichos do monstro instável, das emoções e dos estados de alma do artista.

E' fácil presumir que a sensibilidade do poeta — que na vida conhecemos discreto, muito consciente do seu valor e por isso mesmo cioso dele — encontrasse, no mar, seu melhor confidente. A impregnação do homem nas coisas e sua fusão na paisagem a que a imaginação empresta vida e emotividade, convida-o ao silencioso dialogo. O mar é, em Vicente de Carvalho, uma coisa viva, monstro de carnes liquidas e verdes, coruscantes de escamas cambiantes e fosforescentes, acorrentado ás praias como um deus olimpico votado pelo destino a uma condenação eterna. O poeta humaniza-o, dá-lhe uma voz multivoca, transfunde seus sentimentos e suas emoções nos movimentos do imenso Titan cativo. O amor do poeta se extravasa no amor do mar pela lua, amor tantalico e impossivel como todos os grandes amores:

Hei de alcançar-te um dia.
[Embalde nos separam
a largura da Terra e o
[fraguedo dos montes.

Nascem das replicas do mudo dialogo ideal dos mais belos versos da lingua portuguesa.

No prefacio do volume dedicado a Vicente de Carvalho pela "Coleção dos Nossos Clássicos", da Agir, Fausto Cunha mostra-se surpreendido com o exito poetico do artista junto do publico. Atribui-o ao encantamento do lirismo amoroso de "Rosa, Rosa de Amor...". Registra que o nome e a obra de Vicente continuam presentes no carinho e na admiração do povo enquanto a estrela de outros grandes poetas da sua geração empalidece e entra em ocaso. Não é apenas a magia desse poema, hoje classico, que eterniza nele a admiração e o amor da massa e multiplica as edições do seu livro famoso, "Poemas e Canções". Pela alta consciencia artistica, pela sábia e exata utilização do material verbal que põe na fatura de alguns dos seus grandes poemas, o artista e o artifice que havia nele nos legaram algumas obras-primas.

A releitura dos "Poemas e Canções" — confinando nesse territorio poetico demarcado pela primeira edição, o que nos parece essencial na obra do artista das "Canções Praianas" — leva-nos a concitar os estudiosos a um exame critico mais profundo da sábia e exata utilização do instrumento verbal que o artesão do verso usa na estrutura dos seus poemas e da espontanea e comovida graça do fluxo lirico que o artista faz pulsar em seus versos. Que levem para esse estudo, não os preconceitos sofisticados de certa arte de hoje, mas aquele honesto e desarmado amor que Mario de Andrade levou para rever a arte do mestre.

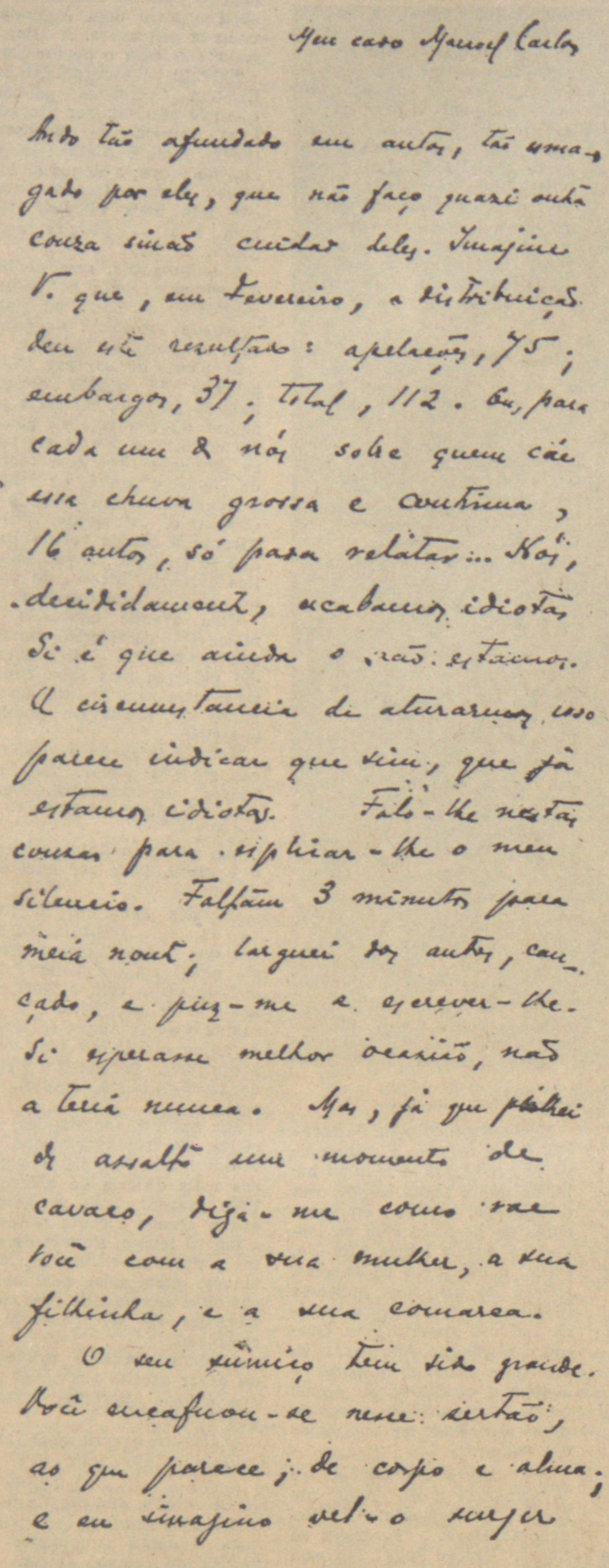
Quem o fizer colherá, certamente, poesia autentica nos admiraveis "Sonetos"; registrará a magistralidade tecnica da descrição do cenario de "Fugindo ao Cativeiro", o qual lembra, fundidas em poesia, as páginas cegantes da prosa do Euclides na tragédia de "Os Sertões"; refreará a emoção ao carpir dos sinos do "Pequenino Morto"; fruirá o lirismo puro das "Sugestões do Crepusculo", das "Canções Praianas", da "Menina e Moça"; meditará sôbre a arte sóbria com que tão bem ambienta o ciclo fluvial das Bandeiras na "Partida das Monções", despindo a descrição da heroica e melancolica arrancada de qualquer efetivo épico, fazendo deslizar as naus em surdas aguas quase mortas sob o adeus oscilante das arvores que se debruçam sobre o rio.

Por fim terá sob os olhos a "Rosa, Rosa de Amor...", que encerra o volume.

Então, finda sua leitura, ficará a percorrer com a memoria todos os poemas de amor que hajam impressionado seu espirito para descobrir um êmulo que o iguale ou o supere. E fechará o volume, comovido e encantado, certo de que um poeta brasileiro deu á sua gente talvez o mais belo poema de amor da lingua portuguesa.

Suplemento Literário

TODOS OS ARTIGOS PUBLICADOS NESTE SUPLEMENTO SÃO ORIGINAIS E DE RESPONSABILIDADE EXCLUSIVA DE SEUS SIGNATARIOS. ACHANDO-SE COMPLETO O QUADRO DE COLABORADORES PERMANENTES, A DIREÇÃO NÃO GARANTE A DEVOLUÇÃO DAS MATERIAS QUE LHE FOREM POR ACASO REMETIDAS AINDA QUANDO NÃO APROVEITADAS. A PUBLICIDADE INSERTA NESTE SUPLEMENTO OBEDECE A NORMAS ESPECIAIS, QUE PODERÃO SER ENCONTRADAS NA ADMINISTRAÇÃO DO JORNAL



Meu caro Manuel Carlos

Ando tão afundado em autos, tão esmagado por eles, que não faço quasi outra cousa sinão cuidar deles. Imagine V. que, em fevereiro, a distribuição deu este resultado: apelações, 75; embargos, 37; total, 112. Ou, para cada um de nós sobre quem cae essa chuva grossa e continua, 16 autos, só para relatar... Nós, decididamente, acabamos idiotas. Si é que ainda o não estamos. A circunstancia de aturarmos isso parece indicar que sim, que já estamos idiotas. Falo-lhe nestas cousas para explicar-lhe o meu silencio. Faltam 3 minutos para meia noite; larguei dos autos, cançado, e puz-me a escrever-lhe. Si esperasse melhor ocasião, não a teria nunca. Mas, já que pilhei de assalto um momento de cavaco, diga-me como vae você com a sua mulher, a sua filhinha, e a sua comarca.

O seu sumiço tem sido grande. Você encafuou-se nesse sertão; ao que parece, de corpo e alma; e eu imagino vel-o surgir

Entrevista com Manoel Carlos

Vicente de Carvalho fêz largas e profundas amizades, procurando, no decorrer de sua vida, que infelizmente não foi longa, estreitá-las, sobretudo com pessoas que se afinavam á sua sensibilidade privilegiada de artista e de homem de multiplas atividades. Gostava de uma boa prosa, com que pudesse entreter a inteligência, sem contudo alhear-se também dos humildes, entre os quais encontrou durante muito tempo material de que se aproveitou para a composição de muitos trabalhos em prosa, principalmente seus poucos mas sugestivos contos. Em Manuel Carlos, juiz como ele e como ele também poeta, manteve demorado colóquio, entretecido por permanente troca de idéias, que se extravasou dos encontros pessoais, continuando por uma correspondência brilhante, de que damos abaixo alguns exemplos. Encontraram-se pela primeira vez em 1910 nesta Capital e Manuel Carlos de Figueiredo Ferraz guarda até hoje, como uma das melhores coisas de sua carreira de juiz e de poeta, a sua amizade e a sua aproximação ao lucido espírito de Vicente de Carvalho.

EVOCAÇÃO

— Numa inesperada e rápida palestra — disse o ilustre desembargador aposentado recordando alguns instantes de sua vida com o ilustre poeta do mar — não poderei tentar sequer uma pálida evocação da grande figura de Vicente de Carvalho. As lembranças que dele tenho são as melhores, mas são muitas para reduzir em breve espaço. Direi que ele não foi apenas o lírico excelso de "Rosa, Rosa de Amor..." Como poeta, há outras sonoridades em suas estrofes, a epopéia e a elegia; aí se ostentam quadros magníficos da nossa natureza; aí ecoam, com inesperados e profundos acentos, as suas luzes. Euclides da Cunha, aliás, no prefácio que escreveu aos "Poemas e Canções", põe em evidência essa feição do poeta do Mar. Nem todos sabem, porém, a este propósito, de uma feição particular de Vicente de Carvalho. Ele tinha verdadeira sedução pelo fenômeno poetico. Gostava de conversar sôbre ele, trocar idéias, como se isso lhe parecesse um ato preparatório necessário para as suas admiráveis excursões pelo reino da fantasia e da emoção. Se nossas palestras a respeito fôssem taquigrafadas, daria para compor um livro de Arte Poética. Personalidade rica, com aspectos vários, não confinava num recanto o cenário que observava e estudava da vida. Viajou pelas sendas do pensamento numa eterna procura de abrigo. Abraçou na mocidade o positivismo de Comte, que, entretanto, não o satisfez. Ficou-lhe da experiência um desencantado agnosticismo, sem que, no entanto, se lhe notasse qualquer inquietação interior.

HOMEM DE AÇÃO

— Os poetas — continuou o desembargador Manuel Carlos — amam em geral o sossêgo, em cujo clima procuram aperfeiçoar o mistério de sua Arte. Não era assim, entretanto, Vicente de Carvalho. Ele prezava a ação e o trabalho. Experimentou diversas atividades, sem contudo trair a sua vocação. Via longe, mas não era visionário; entendia de negócios, sem nutrir ambições materiais; conhecia a administração de uma fazenda de café, sem ser agricultor, não obstante ocasionalmente tivesse experimentado a profissão em Franca; possuia bons conhecimentos de navegação, sem ser marinheiro; patriota, sem se exibir com tal; dono de extraordinário tino administrativo, sem jamais haver lecionado economia política e finanças. A encarnação do bom senso e do equilíbrio.

A proposito contarei um fato pouco conhecido. Vicente de Carvalho fazia parte do governo de Cerqueira Cesar, quando coube a este notavel paulista exercer a presidencia do Estado. No cargo que exerceu, estavam abrangidos assuntos concernentes á saude publica. Pois bem, um dos primeiros atos de sua gestão foi o convite que endereçou a Pasteur para vir a São Paulo, a fim de estudar o problema da febre amarela, que, a esse tempo, assolava Santos, Rio de Janeiro e outras cidades do País. Isto aconteceu nos primeiros anos da Republica, antes de Osvaldo Cruz. Pasteur escusou-se, alegando motivos de saude, aliás verdadeiros, mas prontificou-se a mandar alguém, que, a seu ver, podia substituí-lo. E para aqui veio o sabio Le Dantec, seu discipulo. Vicente de Carvalho viu e mediu a magnitude e transcedente importancia do assunto: o saneamento da terra a bem da saude do homem. Aí mergulham as raizes profundas dos males que nos afligem.

SUAS ATITUDES

— Era um prázer conversar com Vicente de Carvalho — continua o desembargador Manuel Carlos. Ele narrava e comentava com graça e oportunidade. Conhecia bem a historia patria. Apesar de republicano, jamais se conformou com o modo por que se verificou a deposição de Pedro II e o fim da Monarquia. Entendia ele que Pedro II merecia outro tratamento, e não o que lhe foi dispensado: estupor, indiferença, ingratidão. Uma pagina sombria e triste — considerava o poeta — a ponto de perder, por algum tempo, o gosto de ser brasileiro.

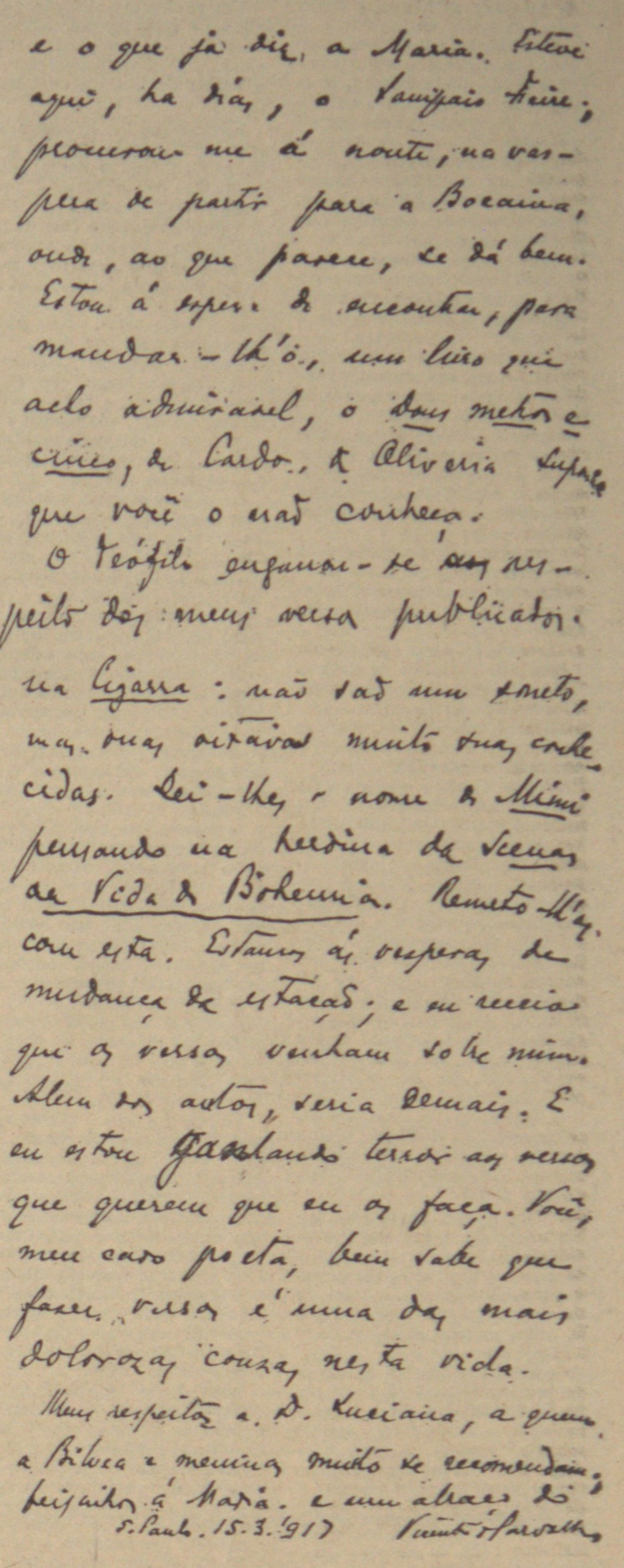
GOSTOS LITERARIOS

— No que toca aos nossos poetas — acrescenta seu amigo — parecia-lhe que o maior era sem duvida Gonçalves Dias. Quanto aos contemporaneos, admirava e prezava sobremaneira a constelação parnasiana, cujo incomparavel fulgor ainda hoje ilumina a literatura patria. Entre eles, porém, reivindicava um lugar á parte para Raimundo Corrêa. Tinha em altissima conta Francisca Julia de Almeida, a admiravel poetisa paulista, cujo genio e cuja obra constituem um dos mais atraentes materiais para os estudiosos, como se pode ver pelo estudo que lhe dedicou Pericles Eugenio da Silva Ramos. O apreço de Vicente de Carvalho para com os valores intelectuais e morais era imenso. Cabe aqui uma observação notavel. Era um inconformado com a sua epoca, mas não um desiludido. Ainda havia homens capazes de rasgar novos rumos para a nacionalidade. E a proposito lembrava João Mendes Junior, então no fastigio de sua carreira de professor de Direito, e a seu ver a maior e a mais impressionante figura da intelectualidade paulista. Admirava João Mendes Junior sem restrições: as obras do jurista, forrado de filosofo, ofereciam uma solidez e coerencia que em nenhuma outra se encontravàm, e valia-se delas quando tinha algum problema de processualistica. Por outro lado, os trabalhos do mestre espelhavam a grandeza moral do autor, a sinceridade de suas convicções, a firmeza de sua fé e o espirito cristão. Mais tarde, quando vim a conhecer intimamente João Mendes Junior, vi confirmado tudo quanto a seu respeito dizia Vicente de Carvalho. Coisa singular: o ex-seguidor de Comte não se desagradava da Escolastica, a cuja luz João Mendes Junior explicava o processo judiciario. Tinham os dois a sua semelhança, na retidão dos juízos, na honestidade de conduta, no apreço à ordem e à disciplina. Vicente de Carvalho era dotado da mesma bondade que exornava João Mendes Junior: não sabia mentir, e somente os bons podem abrir-se com franqueza.

EPISÓDIO

— Lembrarei a propósito um pequeno episódio. Exercia Vicente de Carvalho uma das varas criminais da comarca desta Capital. Achava-se presente no forum, quando ali apareceu u'a mulher, que, se dirigindo a êle, lhe pediu com gesto suplice, mal escondendo as lagrimas, que tivesse dó de seu filho, sujeito a processo por crime grave. O procedimento dessa mulher não se pautava, evidentemente, pelas normas regulares, previstas em casos semelhantes. Mas Vicente de Carvalho, com as sobrancelhas levemente levantadas, o olhar perdido numa contemplação distante, ouviu-a sem dizer palavra. Afinal, a mulher se retirou. Vicente de Carvalho, voltando-se então para os que ali se encontravam, explicou:

"— Eu não podia proceder de outra maneira. Ela é mãe e isso é o bastante para que eu a compreendesse e desculpasse". E' bem provavel — conclui o desembargador Manuel Carlos — que naquele instante seu olhar perdido voltasse também para outros lares e sobretudo para o seu, de que costumava dizer ter surgido como um reino pequenino, alegre, sob o govêrno exemplar de sua esposa, dona Ermelinda Mesquita de Carvalho, nobre e virtuosa senhora, de quem êle dizia ser uma das maravilhas da Natureza.



e o que já diz a Maria. Esteve aqui, ha dias, o Sampaio Freire; procurou-me á noite, na vespera de partir para a Bocaina, onde, ao que parece, se dá bem. Estou á espera de encontrar, para mandar-lh'o, um livro que acho admiravel, o Dous metros e cinco, de Cardo., de Oliveira. Suponho que você o não conheça.

O Teófilo enganou-se a respeito dos meus versos publicados na Cigarra: não são um soneto, mas duas oitavas muito suas conhecidas. Dei-lhes o nome de Mimi pensando na heroina de Scenas da Vida de Bohemia. Remeto-lh'as com esta. Estamos ás vesperas de mudança de estação; e eu receio que os versos venham sobre mim. Alem dos autos, seria demais. E eu estou ganhando terror aos versos que querem que eu os faça. Você, meu caro poeta, bem sabe que fazer versos é uma das mais dolorosas cousas nesta vida.

Meus respeitos a D. Luciana, a quem a Biloca e meninas muito se recommendam; beijinhos á Maria. e um abraço do

S. Paulo. 15.3.917 Vicente de Carvalho

Cartas de Vicente de Carvalho a Manoel Carlos

N. da R. — *As oito cartas que publicamos a seguir, enviadas por Vicente de Carvalho ao Desembargador Manoel Carlos de Figueiredo Ferraz, traçam um verdadeiro retrato espiritual do autor de "Palavras ao Mar": o homem, com o seu tom direto e franco, a sua devoção ao trabalho, o seu horror à publicidade, o seu pessimismo temperado aqui e ali por uma nota de sarcasmo; e o poeta sempre enamorado de sua esquiva e dificil musa.*

São Paulo, 22-2-912

Meu caro poeta

Tenho sentido muito a sua falta; mas a minha vida anda numa dessas crises de trabalho e preocupações em que nem me sobra tempo para escrever uma cartinha rapida. Hoje nem pude ir ao **Forum**, por exausto; e aproveito o rapido descanso para escrever-lhe. Há momentos em que, de tão cansado e deprimido, parece-me que de repente a vida se me apagará como uma candeia a que faltou o azeite... Mando-lhe duas revistas, uma com versos meus que muito conhece mas ainda não viu em letra de fôrma; a outra com um trabalho do Julio Cesar da Silva que, para mim, é uma revelação. Achei-o admiravel. Mando-lhe **as quadras sobre um vulto fugaz de mulher.** Estão completas, mas de modo que não me satisfaz. Não exprimem o que eu queria, mas creio que não dou mais do que isso. Nada tem escrito? Não se deixe tomar aí da preguiça intelectual, que é um vicio tão perigoso em nossa terra, e o mais fácil de adquirir, e o mais custoso de corrigir...

O Adalgiso escreveu um estudo sobre o **Velho Tema;** creio que o **Estado** o publicará por estes dias. O Candido de Carvalho escreveu há poucos dias alguns versos excelentes. Escreva-me sempre, sem regular o numero das suas cartas pelo das minhas; e venha logo que possa. Nada lhe posso ainda dizer a respeito da Universidade. Viu a noticia de uma sociedade de cultura artistica e literaria, que estamos criando? Contamos para ela com o seu concurso e vá escolhendo um poeta nacional morto para assunto de uma conferencia. Meus respeitos aos seus, lembranças de todos os meus, e um abraço do amigo grato.

Vicente de Carvalho

N.B. Não quis falar-lhe na carta, envolvendo-o nos outros assuntos dela, o da morte de sua irmãzinha, que soube pelo Paulo Pinto. Quis escrever-lhe a esse respeito. Mas que se pode dizer em coisas dessas? Para espiritos como o meu, que não confiam muito numa ordem perfeita do Universo, um caso desses é sempre um ato brutal da Natureza. Acho-o revoltante, não me resigno — e o que a minha sinceridade lhe dissesse não o consolaria e feriria o seu espirito tão fundamente religioso. Imagino o que terá sofrido sua mãe, a quem a sua companhia terá até certo ponto confortado. Até certo ponto, só: eu já perdi também duas filhinhas, e sei que nada consola nesses casos, senão o tempo. Peço-lhe que lhe apresente a ela os meus sentimentos de pesar.

V. C.

*

São Paulo, 10 de Setembro de 1913

Meu caro poeta

Aqui chegado, e logo depois dos três ou quatro primeiros dias de desordenada instalação, fui apanhado pela engrenagem criminal. Só agora posso escrever-lhe duas linhas, rapidamente, num momento raro em que me é dado respirar. V. conhece, de ter passado por lá, o que é o nosso Forum, e pode avaliar a vida de um infeliz condenado, e que cumpre a pena de ser juiz...

Chegamos todos bem, tendo aproveitado, sobretudo eu, com a travessia do velho Atlantico. Uma impressão que tive foi a de saber da sua mudança para esses sertões; e espero vê-lo por cá, por todo este mês, e que seja por bastantes dias, para conversarmos. Teremos, de certo, muitas impressões e comunicarmo-nos desse longo ano de ausencia. Eu, o que trouxe de mais acentuado, da minha estada na Europa, foi uma verdadeira fobia da publicidade; começou-me lá, cresceu, e aqui frondejou. Tenho-lhe hoje horror, á publicidade; fere-me, com uma sensação de desgosto, ver o meu nome em letra de fôrma. Creio que isso provem do estado a que chegou a nossa imprensa, expoente — como agora se diz — da nossa incultura intelectual e da nossa depressão moral. E o curioso é que nunca tive mais desejo de produzir, e mais amor á minha obra. O meu desejo, porém, é trabalhá-la obscuramente, tranquilamente, sem pensar em publicá-la, e sem pressa disso. Aliás, isso foi — salvo fases raras e passageiras — uma feição, ou uma tendencia do meu espirito. Os **Poemas e Canções** foram assim feitos; é, talvez, porisso que me agradam. É possível que eu ainda escreva alguns livros, e que os venha a publicar; mas, ao que espero, só publicarei livros **definitivos.** Penso em completar os meus contos praianos — faltam-me apenas três para serem um livro. Penso igualmente em tentar umas novelas **bandeirantes** — já estou muito sobre a tarde para pretender escrever em verso, nesse terreno vasto e inexplorado. Imagino também um ou dois volumes de **ensaios,** no tipo do "Jesus", e de outros já feitos. Do meu romance "Perdão" creio que desisti: nem as condições da minha vida, o modo pelo qual trabalho, com esforço e dificuldade, permitem que eu empreenda uma obra longa; nem tenho aptidão para cousas que não sejam sinteticas.

A minha estada na Europa foi perdida. Ao chegar, nada fiz, com as preocupações de instalação, e a novidade dos **esportes** na neve — que são deliciosos; á entrada do inverno, em 16 de desembro, cai doente, estive á morte, e só a bordo, em Agosto, me refiz da depressão em que me deixou a molestia. Foi terrivel. Estive mês e meio em Paris, que antes adorava, e nem a um museu fui, nem a um teatro. Nem a certeza, que lá adquiri, de que não estava tuberculoso, como supunha, conseguiu reanimar-me. Estou falando demais a meu respeito: falemos agora de V.. Que lhe faz a roça? Creio que será incapaz de esterilizar um talento energico, como é o seu; e esse isolamento talvez lhe seja menos desfavorável do que o meio deprimente, ou antes dissolvente, desta capital que é uma aldeia enfeitada e pretensiosa.

No isolamento da roça, é possível conservar ideias, aqui... Hélas! S. Paulo só tem produzido escritores que viveram fora de São Paulo. Este ar é abafadiço para a inteligencia e para a Arte. As nossas glorias são noutro genero — e, nesta geração, do genero zero. Agora nem temos a opulencia de que tão mesquinhamente nos ufanavamos... Adio o resto para outra ocasião. Um grande abraço do

Vicente de Carvalho

*

São Paulo, 4 de março de 1914

Meu caro poeta

A nomeação do Adalberto Garcia, aliás muito desejável, parece-me bastante problemática, ao que tenho ouvido dizer; em todo caso, a vaga do juiz que entrar agora para o Tribunal só será preenchida lá para Agosto, depois que o Senado aprovar a nomeação do nôvo ministro. Só mediante essa aprovação se tornará efetiva a vaga. Li em jornais que, nomeado juiz o Adalberto, seria nomeado 1.o Promotor o Luiz Silveira; mas são ditos de jornal, que não têm o menor valor. Penso que V. deve disputar êsse lugar, preparando desde já os elementos de que possa dispôr, para o caso de vagar o cargo exercido pelo Adalberto.

A' sua pergunta relativa á minha produção literária, respondo que, além de estar há mais de mês com uma série longa de furunculos, e de ter tido uma irite, de que me vou a custo e de vagar libertando, tenho estado esmagado por trabalhos da minha vara — que tem dado para me emagrecer. Que se pode, em tais condições, produzir? Eu sou um esmagado pela vida prática: poucos poetas o terão sido tanto no mundo.

Gostei do seu entusiasmo pelos meus contos praianos. Talvez haja um pequeno fundo de razão nesse entusiasmo: tenho em alguma consideração aqueles contos, cuja série muito desejaria completar, e seria um livro. Mas eu não escrevo quando quero — e quase nunca posso. A minha musa é um bicho selvagem, que nunca eu consegui domesticar, ou domei uma ou outra vez com grande esforço; e as condições da minha vida material, tão trabalhosa e tão achacada de molestias, não me permitem aproveitar sempre as ocasiões em que ela se mostra acessível. Não pense, porém, que há nessas palavras algum travo de desanimo. Tenho esperança de concluir aqueles versos que assim começam, e suponho ter-lhe já mostrado:

Alma, nunca te proste o [cansaço da vida!
Aspira, sonha, crê!
Abafa a intima voz que blas- [fema e duvida
A murmurar-te após cada [messe colhida:
"Para que? Para que?"

Êsses versos não são apenas o começo, são o programa de uma poesia que eu não sei se terei ocasião de fazer — mas desejo muito fazer. Assim as moléstias e os autos me deixem alguma vez agarrar pelos cabelos a minha musa arisca...

Adeus, meu caro poeta. Aceita um abraço do

Vicente de Carvalho

N. B. Li há pouco um longo estudo de um filósofo alemão sôbre **O gênio** — e a propósito das **Sugestões do Crepusculo.** Tem graça. Hei de mostrar-lho quando cá vier.

*

São Paulo, 7 de abril de 1914

Meu caro Poeta.

A proposito de uma referencia do Ruy de Paula Sousa ao **Fugindo ao Cativeiro,** uma livraria propõe-se a dar esse poemeto em edição escolar. A idéia parece-me boa; e alvitrei que devia conter notas didaticas, capazes de guiar não só os alunos, como os proprios professores, chamando a atenção para as qualidades de forma e de fundo da obra. Quero convidá-lo para colaborar nesse trabalho, que vai ser ou está sendo feito por diversos, entre os quais o Silvio de Almeida e o Otoniel Mota. As notas devem ser concisas e simples; devem versar, de preferencia: sobre as qualidades do estilo — correção gramatical, chamando a atenção sobre as figuras empregadas, precisão e vigor das expressões, concisão, variedade da ordem gramatical, etc; e sobre a construção metrica — variedade de ritmos, etc. Peço-lhe que, relendo a poesia, faça as notas desse genero que lhe forem sendo sugeridas pela leitura; e que me dê duas rapidas notas explicativas do sentido daquela imagem:

Seguem, almas de hebreus, ru- [mo do Jabaquara,
A Canaan dos cativos;

bem como uma rapida descrição fisica do Calvario, para uma das imagens que adiante daquela aparece.

Se mandar-me logo as primeiras notas que lhe ocorrerem, muito contente ficarei.

Com um grande abraço do

Vicente de Carvalho

*

Meu caro Manoel Carlos

Anda tão afundado em autos, tão esmagado por eles, que não faço quase outra coisa senão cuidar deles. Imagine V. que, em Fevereiro, a distribuição deu este resultado: apelações, 75; embargos, 37; total, 112. Ou, para cada um de nós sobre quem cai essa chuva grossa e continua, 16 autos, só para relatar... Nós, decididamente, acabamos idiotas. Se é que ainda o não estamos. A circunstancia de aturarmos isso parece indicar que sim, que já estamos idiotas. Falo-lhe nestas cousas para explicar-lhe o meu silencio. Faltam 3 minutos para meia noite; larguei dos autos, cansado, e puz-me a escrever-lhe. Se esperasse melhor ocasião, não a teria nunca. Mas, já que lhe pilhei de assalto um momento de cavaco, diga-me como vai você com a sua mulher, a sua fiihinha, e a sua comarca.

O seu sumiço tem sido grande. Você encafuou-se nesse sertão, ao que parece, de corpo e alma; e eu imagino ve-lo surgir aqui de repente, não de lira, mas de viola em punho, numa das **troupes** sertanejas que infestam os cinemas, e estão na moda. Diga-me, ao menos, se ainda existe, e que pensa a D. Luciana, e o que já diz a Maria. Esteve aqui, há dias, o Sampaio Freire; procurou-me á noite, na vespera de partir para a Bocaina, onde, ao que parece, se dá bem. Estou á espera de encontrar, para mandar-lh'o, um livro que acho admiravel, o **Dois metros e cinco,** de Cardoso de Oliveira. Suponho que você o não conheça.

O Teofilo enganou-se a respeito dos meus versos publicados na **Cigarra:** não são um soneto, mas duas oitavas muito suas conhecidas. Dei-lhes o nome de **Mimi** pensando na heroina de **Cenas da Vida de Bohemia.** Remeto-lh'as com esta. Estamos ás vesperas de mudança de estação; e eu receio que os versos venham sobre mim. Alem dos autos, seria demais. E eu estou ganhando terror aos versos que querem que eu os faça. Você, meu caro poeta, bem sabe que fazer versos é uma das mais dolorosas cousas nesta vida.

Meu respeito a D. Luciana, a quem a Biloca e meninas muito se recomendam; beijinho á Maria, e um abraço do

Vicente de Carvalho.

São Paulo, 15-3-917.

*

São Paulo, 27-10-918

Meu caro Mel. Carlos

O movimento na magistratura, resultante da aposentadoria do Moretzsohn, não pode aproveitar-lhe. O Celidonio virá de Jacareí para a vaga deixada pelo Ayres; o Costa, de Iguape, virá para Jacareí; vagará a comarca de Iguape, que, certamente, não lhe convém. Eu tratei logo de apurar, no seu interêsse, o que havia. Suponho que a primeira vaga no Tribunal será a do Manços — e será para você uma boa ocasião, que não devemos perder. Passei quase toda na praia a minha licença, que está a expirar. Foi para mim um periodo de repouso, em que apenas li, isso mesmo não muito. Ando agora com pruridos de escrever, ameaças do demoniaco; mas ainda nada fiz. Com a facilidade que encontrei inesperadamente no escrever a "Luizinha" aguçou-se-me uma certa veleidade de tentar a sério o gênero teatral, em que nunca pensara. Provavelmente farei incursões nesse terreno novo para mim, e que é sedutor. Não sei se o fundo lirico do meu temperamento dará para o gênero, e se os meus cansados cincoenta e dois anos me permitirão andar para diante numa carreira em que tão tarde estréio. Mas a gente nunca sabe o que vai fazer, e o que poderá fazer; ás vezes, a fôrça é uma questão de coragem.

Mando-lhe um volume do João Pinto da Silva, **Vultos do meu caminho,** e um artigo de José Oiticica, que acha modorrenta a minha poesia; o volume, que tem dedicatória, devolver-m'o-á você quando cá vier. O artigo saiu há cousa de um mês no **Correio da Manhã.** Eu só conhecia êsse José Oiticica de uns longos artigos na **Revista Americana,** em que ele provou á larga que Alexandre Herculano não sabia escrever. Êsse Oiticica é alagoano, das beiradas de Sergipe, geográfica e espiritualmente.

Só agora li a **Hist. da Lit. Brasileira,** do Verissimo; e não acho explicação para a absoluta ausência do nome do Euclides nesse livro. Um mistério para o qual tenho em vão procurado explicação, sobretudo porque o livro, se não é notável, e pouco adianta, parece-me um livro de boa-fé. O Verissimo tinha pernas curtas, mas andava direito. Você que faz? Precisamos, decididamente de criticos, de criticos capazes de entender e sentir as obras de arte. Não deixe perder-se na estagnação do **dolce far niente** a sua aptidão e a fôrça da sua mocidade.

O Sampaio Freire esteve por aqui, há meses, uns oito ou dez dias; encontrei-o por acaso, na rua, e não me apareceu, apesar de eu o ter convidado a ouvir a **Luizinha,** que eu acabara, e a que estava dando o ultimo verniz. Estranhei o caso, que até agora não sei explicar.

Não tive mais noticias dele, Sampaio.

Os meus vão bem, felizmente. E os seus? Biloca e as meninas muito se recomendam á D. Luciana; você aceita um grande abraço do amigo

Vicente de Carvalho

*

S. Paulo, 16.11.918

Meu caro Manoel Carlos

Impressionou-me o seu subito silencio; e, a 9, telegrafei-lhe pedindo-lhe noticias e frangos. Nessa ocasião tinham caido com a gripe a Biloca, o Tareco e o Tetê, os dous primeiros com acesso violento. Felizmente estão já convalescentes os três devendo levantar-se hoje. Os outros ainda nada tivemos.

Eu não pude escrever-lhe, porque do dia 1 a 9 estivemos quase todos absorvidos por serviços do Hospital Provisorio da Barra Funda, onde fomos trabalhar como voluntários. Os que mais trabalhámos, e mais em contacto estivemos com os doentes, eu, Botão, Mercedes e Major, nada tivemos. Teve a **gripe** o Tareco que apenas lá trabalhou duas noites, e na farmácia. Aqui felizmente, não houve a desorganização da vida, que tanto contribuiu para a hecatombe verificada no Rio. Os poderes publicos agiram, e houve um grande e corajoso movimento da iniciativa particular que nada poupou para acudir aos doentes. Os casos de acovardamento foram raros.

Ainda estamos com 200 mortes por dia; mas a vida está organizada, normaliza-se, e já ninguem morre á mingua de medico, de farmacia, ou de alimento.

A epidemia feriu-nos cruelmente levando-nos alguns amigos: o Arnaldo Porchat, que era um habituado assiduo e encantador daqui de casa, e que nos fasta (sic) grande falta; o pobre do Sebastião Lobo, e outros de convivencia mais rara. Penalizou-me em extremo a morte do Adalgiso, falecido no hospital — tão infeliz na morte como foi na vida. Tambem o Simões Pinto está no Isolamento, em estado grave, e a familia, toda atacada de **gripe** pneumonica, no hospital de Sion... Das nossas relações, é o caso mais triste que conheço. Mas, no meio desta grande tristeza geral, nem o espirito póde deter-se nos casos particulares. Estamos num temporal em que até se perde o sentimento do eu — o que ha é um grande sofrimento coletivo que domina tudo. Espero que o seu silencio não seja por molestia sua, ou dos seus, a quem muito nos recomendamos. Você aceite um abraço

Do velho amigo

Vicente de Carvalho

*

São Paulo, 28.IX.923

Meu caro Manoel Carlos

Recebi com desvanecimento, e agradeço, o convite que por seu intermedio me faz a Legião Brasileira, para realizar aí uma conferencia. Lá irei, não, porem, agora pois estou, ha cousa de vinte dias, com uma das minhas crises de queda do rim, seguida de terriveis colicas. É uma repetição do que se deu, por este tempo, no ano passado. O unico remedio para o mal é estar, o mais possivel, deitado — e tratar de engordar. Nesta semana, saí ontem pela primeira vez, e fez-me mal; entretanto, tenho necessidade de sair hoje outra vez. Ando, como sempre, abarbado de serviço. Não sei se V. já tem noticia de que o Sampaio Freire está trabalhando no meu escritorio; e acredito que terá prazer em sabê-lo.

Estou esperançado de, graças á causa Fowles, proxima de desfecho, poder aposentar-me do trabalho forçado, e dedicar-me ao meu **Fausto** que será uma bela ocupação dos meus ultimos anos. Na liquidação da sentença dada contra a Camara Municipal da Capital, o laudo unanime dos peritos avaliou em 24.622.000 os lucros cessantes da Fowler nos 18 anos decorridos de 1905 até hoje. Eu, pessoalmente, tenho no que se liquidar uma parte de 7 1/2%. A expectativa é animadora — a de uma independencia material, modesta mas suficiente, que me permitirá descansar... carregando as pedras do **Fausto.**

Dei ultimamente, a forma definitiva a um trecho do **Fausto,** que deve aparecer em numero especial do **Fon-Fon.** O numero da **Revista do Brasil** a aparecer por estes dias dará também um fragmento do poema. A concepção deste está amadurecendo. Creio que será uma expressão da alma contemporanea em muitos dos seus aspectos.

Mando-lhe o primeiro exemplar dos "Poemas e Canções", 5.a edição, que recebi como amostra ontem ao anoitecer.

Infelizmente o Lobato, como comerciante, suprimiu em atenção á economia de papel, que está carissimo, o **Apendice,** que se compunha na 4.a edição dos dous belissimos trabalhos — o seu, e do João Pinto da Silva. Estou arrependido da fraqueza com que assenti nessa amputação; e protesto, se o livro tiver em minha vida a sexta edição, organizar para essa um apendice em que aqueles dois escritos terão o logar de honra que merecem.

Até breve. Acredito que poderei, para fins de Outubro ou principios de Novembro, fazer aí a conferencia. Depende do meu rim, um extravagante que, sem se sentir disso, faz grande desordem nos meus outros orgãos inocentes.

Biloca e todos os outros cá de casa recomendam-se muito a D. Luciana e mandam beijos ás suas crianças; e eu mando-lhe um grande abraço.

Vicente de Carvalho